

caderno do  
**PROFESSOR**

# FILOSOFIA



ensino médio  
**2ª SÉRIE**  
volume 2 - 2009



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador  
**José Serra**

Vice-Governador  
**Alberto Goldman**

Secretário da Educação  
**Paulo Renato Souza**

Secretário-Adjunto  
**Guilherme Bueno de Camargo**

Chefe de Gabinete  
**Fernando Padula**

Coordenadora de Estudos e Normas  
Pedagógicas  
**Valéria de Souza**

Coordenador de Ensino da Região  
Metropolitana da Grande São Paulo  
**José Benedito de Oliveira**

Coordenador de Ensino do Interior  
**Rubens Antonio Mandetta**

Presidente da Fundação para o  
Desenvolvimento da Educação – FDE  
**Fábio Bonini Simões de Lima**

### EXECUÇÃO

Coordenação Geral  
Maria Inês Fini

Concepção  
Guiomar Namó de Mello  
Lino de Macedo  
Luís Carlos de Menezes  
Maria Inês Fini  
Ruy Berger

### GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Presidente do Conselho Curador:  
Antonio Rafael Namur Muscat

Presidente da Diretoria Executiva:  
Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias  
aplicadas à Educação:  
Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos:  
Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas  
Pedagógicas

### Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghisleine Trigo Silveira

#### AUTORES

##### Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton  
Luís Martins e Renê José Trentin Silveira

Geografia: Angela Corrêa da Silva, Jaime  
Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina  
Araújo, Regina Célia Bega dos Santos e  
Sérgio Adas

História: Paulo Miceli, Diego López Silva,  
Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e  
Raquel dos Santos Funari

Sociologia: Heloisa Helena Teixeira de Souza  
Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe,  
Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina  
Schrijnemaekers

##### Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: Ghisleine Trigo Silveira, Fabíola Bovo  
Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene  
Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta  
Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguiar  
Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo  
Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares  
de Camargo

Ciências: Ghisleine Trigo Silveira, Cristina  
Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto,  
Julio César Foschini Lisbôa, Lucilene Aparecida  
Esperante Limp, Máira Batistoni e Silva, Maria  
Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo  
Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro,  
Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão,  
Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume

Física: Luis Carlos de Menezes, Sonia Salem,  
Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington, Ivã  
Gurgel, Luís Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo de  
Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocola Pinto de  
Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira e  
Yassuko Hosoume

Química: Denilse Moraes Zambom, Fábio  
Luiz de Souza, Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto,  
Isis Valença de Sousa Santos, Luciane Hiromi  
Akahoshi, Maria Eunice Ribeiro Marcondes,  
Maria Fernanda Penteado Lamas e Yvone  
Mussa Esperidião

##### Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: Geraldo de Oliveira Suzigan, Gisa Picosque,  
Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins e  
Sayonara Pereira

Educação Física: Adalberto dos Santos Souza,  
Carla de Meira Leite, Jocimar Daolio, Luciana  
Venâncio, Luiz Sanches Neto, Mauro Betti, Renata  
Elsa Stark e Sérgio Roberto Silveira

LEM – Inglês: Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira  
da Silva Shimoura, Lívia de Araújo Donnini Rodrigues,  
Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo

Língua Portuguesa: Alice Vieira, Débora Mallet  
Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar,  
José Luís Marques López Landeira e João Henrique  
Nogueira Mateos

##### Matemática

Matemática: Nilson José Machado, Carlos  
Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore  
Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da  
Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli

##### Caderno do Gestor

Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice  
Murrie

##### Equipe de Produção

Coordenação Executiva: Beatriz Scavazza

Assessores: Alex Barros, Antonio Carlos Carvalho,  
Beatriz Blay, Eliane Yambanis, Heloisa Amaral Dias  
de Oliveira, José Carlos Augusto, Luiza Christov,  
Maria Eloisa Pires Tavares, Paulo Eduardo Mendes,  
Paulo Roberto da Cunha, Pepita Prata, Ruy César  
Pietropaolo, Solange Wagner Locatelli e Vanessa  
Dias Moretti

##### Equipe Editorial

Coordenação Executiva: Angela Sprenger

Assessores: Denise Blanes e Luis Márcio Barbosa

Projeto Editorial: Zuleika de Felice Murrie

Edição e Produção Editorial: Conexão Editorial,  
Buscato Informação Corporativa, Verba Editorial  
Occy Design (projeto gráfico)

##### APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da  
Educação

##### CTP, Impressão e Acabamento

Esdeva Indústria Gráfica

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos\* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

\* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239c São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.  
Caderno do professor: filosofia, ensino médio - 2ª série, volume 2 /  
Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adilton  
Luís Martins, Luiza Christov, Paulo Miceli, Renê José Trentin Silveira. – São  
Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-259-5

1. Filosofia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II. Martins,  
Adilton Luís. III. Christov, Luiza. IV. Miceli, Paulo. V. Silveira, Renê José Trentin.  
VI. Título.

CDU: 373.5:101

Prezado(a) professor(a),

Vinte e cinco anos depois de haver aceito o convite do nosso saudoso e querido Governador Franco Montoro para gerir a Educação no Estado de São Paulo, novamente assumo a nossa Secretaria da Educação, convocado agora pelo Governador José Serra. Apesar da notória mudança na cor dos cabelos, que os vinte e cinco anos não negam, o que permanece imutável é o meu entusiasmo para abraçar novamente a causa da Educação no Estado de São Paulo. Entusiasmo alicerçado na visão de que a Educação é o único caminho para construirmos um país melhor e mais justo, com oportunidades para todos, e na convicção de que é possível realizar grandes mudanças nesta área a partir da ação do poder público.

Nos anos 1980, o nosso maior desafio era criar oportunidades de educação para todas as crianças. No período, tivemos de construir uma escola nova por dia, uma sala de aula a cada três horas para dar conta da demanda. Aliás, até recentemente, todas as políticas recomendadas para melhorar a qualidade do ensino concentravam-se nas condições de ensino, com a expectativa de que viessem a produzir os efeitos desejados na aprendizagem dos alunos. No Brasil e em São Paulo, em particular, apesar de não termos atingido as condições ideais em relação aos meios para desenvolvermos um bom ensino, o fato é que estamos melhor do que há dez ou doze anos em todos esses quesitos. Entretanto, os indicadores de desempenho dos alunos não têm evoluído na mesma proporção.

O grande desafio que hoje enfrentamos é justamente esse: melhorar a qualidade de nossa educação pública medida pelos indicadores de proficiência dos alunos. Não estamos sós neste particular. A maioria dos países, inclusive os mais desenvolvidos, estão lidando com o mesmo tipo de situação. O Presidente Barack Obama, dos Estados Unidos, dedicou um dos seus primeiros discursos após a posse para destacar exatamente esse mesmo desafio em relação à educação pública em seu país.

Melhorar esses indicadores, porém, não é tarefa de presidentes, governadores ou secretários. É dos professores em sala de aula no trabalho diário com os seus alunos. Este material que hoje lhe oferecemos busca ajudá-lo nesta sua missão. Foi elaborado com a ajuda de especialistas e está organizado em bimestres. O Caderno do Professor oferece orientação completa para o desenvolvimento das Situações de Aprendizagem propostas para cada disciplina.

Espero que este material lhe seja útil e que você leve em consideração as orientações didático-pedagógicas aqui contidas. Estaremos atentos e prontos para esclarecer suas dúvidas e acatar suas sugestões para melhorar a eficácia deste trabalho.

Alcançarmos melhores indicadores de qualidade em nosso ensino é uma questão de honra para todos nós. Juntos, haveremos de conduzir nossas crianças e jovens a um mundo de melhores oportunidades por meio da educação.

**Paulo Renato Souza**

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

# SUMÁRIO

<b>São Paulo faz escola – Uma Proposta Curricular para o Estado</b>	<b>5</b>
<b>Ficha do Caderno</b>	<b>7</b>
<b>Orientação sobre os conteúdos do bimestre</b>	<b>8</b>
<b>Situações de Aprendizagem</b>	<b>10</b>
Situação de Aprendizagem 1 – Introdução à Teoria do Indivíduo	10
Situação de Aprendizagem 2 – Tornar-se indivíduo	17
Situação de Aprendizagem 3 – Condutas massificadas	27
Situação de Aprendizagem 4 – Alienação moral	36
<b>Considerações Finais</b>	<b>42</b>

# SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Prezado(a) professor(a),

É com muita satisfação que apresento a todos a versão revista dos Cadernos do Professor, parte integrante da Proposta Curricular de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo. Esta nova versão também tem a sua autoria, uma vez que inclui suas sugestões e críticas, apresentadas durante a primeira fase de implantação da proposta.

Os Cadernos foram lidos, analisados e aplicados, e a nova versão tem agora a medida das práticas de nossas salas de aula. Sabemos que o material causou excelente impacto na Rede Estadual de Ensino como um todo. Não houve discriminação. Críticas e sugestões surgiram, mas em nenhum momento se considerou que os Cadernos não deveriam ser produzidos. Ao contrário, as indicações vieram no sentido de aperfeiçoá-los.

A Proposta Curricular não foi comunicada como dogma ou aceite sem restrição. Foi vivida nos Cadernos do Professor e compreendida como um texto repleto de significados, mas em construção. Isso provocou ajustes que incorporaram as práticas e consideraram os problemas da implantação, por meio de um intenso diálogo sobre o que estava sendo proposto.

Os Cadernos dialogaram com seu público-alvo e geraram indicações preciosas para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e para a Secretaria, que gerencia esse processo.

Esta nova versão considera o “tempo de discussão”, fundamental à implantação da Proposta Curricular. Esse “tempo” foi compreendido como um momento único, gerador de novos significados e de mudanças de ideias e atitudes.

Os ajustes nos Cadernos levaram em conta o apoio a movimentos inovadores, no contexto das escolas, apostando na possibilidade de desenvolvimento da autonomia escolar, com indicações permanentes sobre a avaliação dos critérios de qualidade da aprendizagem e de seus resultados.

Sempre é oportuno lembrar que os Cadernos espelharam-se, de forma objetiva, na Proposta Curricular, referência comum a todas as escolas da Rede Estadual, revelando uma maneira inédita de relacionar teoria e prática e integrando as disciplinas e as séries em um projeto interdisciplinar por meio de um enfoque filosófico de Educação que definiu conteúdos, competências e habilidades, metodologias, avaliação e recursos didáticos.

Esta nova versão dá continuidade ao projeto político-educacional do Governo de São Paulo, para cumprir as 10 metas do Plano Estadual de Educação, e faz parte das ações propostas para a construção de uma escola melhor.

O uso dos Cadernos em sala de aula foi um sucesso! Estão de parabéns todos os que acreditaram na possibilidade de mudar os rumos da escola pública, transformando-a em um espaço, por excelência, de aprendizagem. O objetivo dos Cadernos sempre será apoiar os professores em suas práticas de sala de aula. Posso dizer que esse objetivo foi alcançado, porque os docentes da Rede Pública do Estado de São Paulo fizeram dos Cadernos um instrumento pedagógico com vida e resultados.

Conto mais uma vez com o entusiasmo e a dedicação de todos os professores, para que possamos marcar a História da Educação do Estado de São Paulo como sendo este um período em que buscamos e conseguimos, com sucesso, reverter o estigma que pesou sobre a escola pública nos últimos anos e oferecer educação básica de qualidade a todas as crianças e jovens de nossa Rede. Para nós, da Secretaria, já é possível antever esse sucesso, que também é de vocês.

Bom ano letivo de trabalho a todos!

**Maria Inês Fini**  
Coordenadora Geral  
Projeto São Paulo Faz Escola

## FICHA DO CADERNO

<b>Nome da disciplina:</b>	Filosofia
<b>Área:</b>	Ciências Humanas e suas Tecnologias
<b>Etapa da educação básica:</b>	Ensino Médio
<b>Série:</b>	2 <sup>a</sup>
<b>Período letivo:</b>	2º bimestre de 2009
<b>Temas e conteúdos:</b>	Introdução à Teoria do Indivíduo – John Locke, Jeremy Bentham e Stuart Mill  Tornar-se indivíduo – Paul Ricoeur e Michel Foucault  Condutas massificadas  Alienação moral

# O RIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO BIMESTRE

Prezado professor,

Este Caderno foi elaborado para o desenvolvimento de uma carga horária de 2 horas/aula por semana, completando 16 horas/aula no bimestre. Para o currículo do Ensino Médio, previsto para o desenvolvimento de 1 hora/aula por semana, os professores poderão adequar seu planejamento, selecionando as atividades em cada uma das Situações de Aprendizagem, de acordo com as condições de sua turma e de sua escola. Preservados os objetivos educacionais da Proposta Curricular, conteúdos e competências podem ser planejados tendo em vista o tempo, as condições cognitivas e os recursos materiais de cada unidade escolar.

Em um mundo em que o pensar parece substituído pelo sentir emoções vazias e instantâneas, como ensinar ética? Este é o desafio deste Caderno: apresentar propostas para que os alunos sejam capazes de desenvolver a reflexão ética, considerando as condutas massificadas e a alienação moral.

Se perguntarmos aos nossos educandos: *vocês desejam o mal?*, muitos estranhariam a pergunta, por considerá-la desnecessária, uma vez que assumir tal desejo não é algo que se faça com tranquilidade. Outros, por motivos variados, responderiam que não, que, ao contrário, desejam o bem. No entanto, quantos realmente sabem o que significa essa escolha de almejar o bem e quais são os compromissos que isso acarreta?

Para ilustrar a necessidade de praticar o bem moral, neste Caderno, faz-se um trajeto considerando a constituição do indivíduo e da subjetividade, com base na teoria liberal e

passando pela hermenêutica, psicanálise, existencialismo e pós-estruturalismo.

O objetivo é claro: “veja-se como indivíduo que não pode se eximir de sua responsabilidade com os outros”. **Ser** significa **coexistir**. Ser si mesmo significa ser com os outros e a partir dos outros.

Para que essas propostas sejam viáveis, este Caderno, assim como os demais, tem a intenção de auxiliar você, professor, em sua prática docente, oferecendo material que poderá ser trabalhado com os estudantes, respeitando suas condições socioculturais, favorecendo a formação cidadã na perspectiva solidária.

## Conhecimentos priorizados

A prioridade é levar os alunos ao exercício da reflexão ética, para que percebam sua condição de indivíduos, histórica e socialmente construídos, o que os torna responsáveis por si mesmos e pelas demais pessoas que compõem a sociedade.

## Competências e habilidades

A grande preocupação deste Caderno é exercitar as competências e habilidades da reflexão ética. Além disso, de maneira geral, as atividades aqui propostas se encontram alinhadas com os princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, principalmente no que se refere à inserção dos alunos na sua realidade social, com base no incentivo à reflexão crítica e valorizando o direito de cidadania dos indivíduos. Além disso, partimos do reconhecimento de que o conhecimento filo-



sófico é interdisciplinar, crítico e não confundido com erudição, devendo ser desenvolvido com base nas relações entre conteúdos e atitudes, alinhando teoria e experiências e reconhecendo os alunos como agentes na construção do processo reflexivo.

Ademais, a apresentação das competências e habilidades do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)<sup>1</sup>, que norteiam nossos objetivos, é de grande valia, para podermos estabelecer pontes com as outras disciplinas:

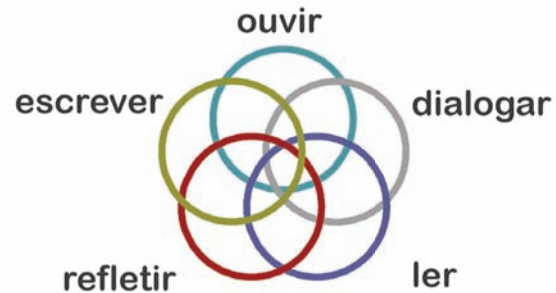
- I. dominar a norma culta da língua portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.
- II. construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.
- III. selecionar, organizar, relacionar e interpretar dados e informações, representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.
- IV. relacionar informações, representadas de diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente.
- V. recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Em resumo, exige-se sempre o exercício da leitura e da linguagem escrita e da prática dialógica, para a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos. Par-

te-se da organização e interpretação de conhecimentos de variada natureza, com o objetivo de enfrentar problemas cotidianos e construir argumentos bem fundamentados, além de se procurar o desenvolvimento ético e solidário.

## Metodologia e estratégias

Para favorecer o desenvolvimento da reflexão crítica, opta-se pela abordagem dialógica, envolvendo várias dimensões inter-relacionadas: **ouvir** os alunos e ser ouvido por eles; estabelecer **diálogo** entre a tradição filosófica e o que se ouve na sala de aula; **ler** com os alunos e promover ou provocar a leitura investigativa; **refletir**, com base nas situações em que o aluno coloca a sua vida em meio à discussão filosófica; **escrever**, como forma de expressão dessa reflexão.



## Avaliação

Em relação à avaliação, recomendamos três procedimentos:

- ▶ participação do aluno em sala de aula, com base em anotações realizadas durante as atividades realizadas;
- ▶ trabalho de pesquisa e de escrita;
- ▶ provas.

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://www.enem.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=39&Itemid=73](http://www.enem.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=73)>. Acesso em: 17 fev. 2009.

# SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 INTRODUÇÃO À TEORIA DO INDIVÍDUO

O objetivo desta Situação de Aprendizagem é desenvolver com o aluno uma reflexão ética a respeito da ação e conceituação do indivíduo. Para isso, apresentaremos o pensamento de John Locke e dos filósofos utilitaristas, em especial Jeremy Bentham e John Stuart Mill.

No início das atividades, serão tratados os seguintes tópicos: *O que sou?* e *O indivíduo possessivo*. Em seguida, propõe-se uma reflexão sobre o pensamento utilitarista, a partir de um excerto de Jeremy Bentham.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** Locke; liberdade; utilitarismo; John Stuart Mill; Jeremy Bentham; prazer; dor.

**Competências e habilidades:** almeja-se desenvolver nos alunos a capacidade de refletir criticamente, a fim de capacitá-los a vivenciar a ação ética, moralmente aceita na sociedade. Para isso, é necessária a competência do reconhecimento do estatuto ético do indivíduo.

**Estratégias:** aulas expositivas e atividades de leitura e reflexão.

**Recursos:** lousa e texto para leitura.

**Avaliação:** como toda a tarefa é realizada em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

### Sondagem e sensibilização – Ouvir e dialogar – *O que sou?*

Nesta sondagem, será discutida a questão da autoimagem crítica do indivíduo, com a intenção de levar o aluno a reconhecer vários aspectos de sua constituição humana. O importante não é extrair do aluno uma confissão de seus erros, mas, sim, que ele possa refletir sobre sua dimensão sócio-histórica.

Escreva na lousa as seguintes questões:

- ▶ O que diferencia você de seus colegas de classe?

- ▶ O que aproxima você de seus colegas?

Ou, perguntando de outro modo:

- ▶ Você identifica algumas características que distinguem você de seu grupo de colegas e amigos? Quais são elas?
- ▶ Você identifica algumas características que são comuns a você e seus colegas e amigos? Quais são?

Os alunos deverão escrever no Caderno suas respostas. Procure orientar a reflexão da turma com o intuito de fazê-los pensar em sua individualidade e, em certa medida, na indi-

vidualidade alheia, além, é claro, de analisar a relação entre nossa individualidade e os grupos aos quais pertencemos. Por meio dessa sondagem, você poderá encaminhar suas aulas sobre os conceitos de indivíduo, contextualizando as respostas dos alunos nas próprias discussões e abordagens.

### Dialogar – O indivíduo possessivo – John Locke

Para a próxima atividade, peça aos alunos que tragam de casa uma pequena biografia de John Locke. Anote na lousa os principais dados pesquisados, completando-os com aqueles que você mesmo investigou previamente.

Em seguida, convide os alunos a falar como muitas pessoas veem os “homens das cavernas”. Como você sabe, na maioria dos casos, são apenas imagens estereotipadas, que os caracterizam como “violentos e brutos, preocupados apenas em satisfazer, imediatamente, seus desejos”. Esta é outra pesquisa interessante: existem outras abordagens sobre os homens das cavernas? Você, professor, poderá orientar a busca dos alunos para responderem a esta questão ou poderá trazer informações a respeito para a sala de aula.

Para Locke, por exemplo, pensar a vida humana em períodos primordiais, os quais ele e outros autores como Thomas Hobbes e Jean Jacques Rousseau chamaram de estado de natureza, pode favorecer a compreensão sobre a necessidade humana de romper com o estado de natureza e criar o estado de sociedade ou de cultura.

Locke entendia que, para compreender o poder político, fazia-se muito importante uma reflexão que procurasse responder ao que teria levado os homens a sair do estado de natureza e passar a viver em sociedade com a organização de governos e leis para regular suas relações.

De acordo com sua filosofia, todos os homens nasciam com três direitos: *liberdade, igualdade e garantia de vida*. No estado de natureza eram livres, porque não precisavam pedir permissão ou depender da vontade de outro homem; eram iguais, pois nenhum possuía nada a mais que outro, recebendo todos as mesmas vantagens da natureza e as mesmas faculdades. A garantia de vida era dada por uma lei própria do estado de natureza, segundo a qual, por serem iguais e independentes, os homens não deveriam prejudicar uns aos outros e poderiam punir quem viesse a ameaçar a vida deles.

No estado de natureza, para Locke, os homens vivem situação de paz. Porém, ele entende que esse estado de paz é ameaçado quando um homem coloca outrem sob seu poder e o submete à sua vontade. Rompe-se, assim, o estado de natureza e instala-se o estado de guerra. Para recuperar o estado de paz, é necessário que os homens se unam em um contrato por meio do qual evitem os inconvenientes do estado de guerra.

Nesse contrato, os homens concordaram que, para evitar que eles fossem usurpados, deveriam eleger um governo, ao qual caberia defendê-los. Assim, todos deveriam respeitar a vida, a propriedade e a liberdade, e o governo ou Estado seria responsável pela manutenção da paz. O governo deveria lutar contra quem quer que tentasse desrespeitar a **condição natural** de igualdade e liberdade. A partir disso, para Locke, começou a civilização.

### Desafio para debate

Uma vez introduzido o pensamento de Locke, procure apresentar aos alunos os seguintes problemas para debate, lembrando, sempre, que o intuito é a reflexão, e não necessariamente uma resposta pronta.

- ▶ Se cada um é livre, tem o direito à propriedade e à defesa da própria vida, como nós

não acabamos em uma situação de guerra de todos contra todos?

- ▶ Caso um homem não tenha o que ele precisa, o que o impede de tomar de outro o que lhe falta?
- ▶ Por que tenho de respeitar a liberdade do outro?

### Aprofundando

Para aprofundarmos ainda mais as questões, é importante diferenciar o Direito Natural do Direito Positivo. Esses dois conceitos são fundamentais para a formação cidadã dos alunos. O Direito Natural seria uma derivação da razão correta – assim como a natureza tem suas leis, o homem também teria, por natureza, as suas. Já o Direito Positivo seria o conjunto de leis que os homens criam para conviver em sociedade.

Em Locke, a liberdade, a propriedade e a vida são constitutivos do Direito Natural de cada indivíduo. No entanto, para mantê-lo, o homem precisa conviver com outros que têm o mesmo Direito Natural; então, para que o convívio seja possível, os homens necessitam produzir leis **positivas** – no sentido de **inventadas** – para manutenção desses mesmos direitos naturais. Assim, a partir do Direito Natural de cada um, cria-se o Direito Positivo a que todos têm de obedecer.

O que é mais importante para esta aula é deixar claro que, na filosofia de John Locke, há a valorização do indivíduo como agente histórico e jurídico. Além disso, em razão do empirismo, o indivíduo também é responsável pela aquisição e produção do conhecimento, sendo a felicidade, sem dúvida, o fim último da realização individual.

Por isso, toda ação depende necessariamente do indivíduo. O tipo de governo que ele deixa existir, o tipo de relações sociais sob as quais viverá; enfim, sua felicidade ou tristeza

não compete mais ao rei ou ao senhor feudal, mas somente ao indivíduo.

### Exercício

Peça aos alunos que se imaginem participando de uma excursão alguns anos antes. O avião em que viajavam teve de fazer pouso forçado em uma ilha deserta e eles sobreviveram apenas com a roupa do corpo. Durante anos, brigaram por alimentos, água e relacionamentos amorosos. Enfim, depois de perderem a esperança de ser resgatados, resolveram viver em paz, em busca da felicidade.

Para que vivam em paz, eles terão de separar a turma em vários grupos, que devem criar uma lei para cada um dos seguintes temas:

- ▶ Partilha do alimento, da água, da terra para plantio, da pesca e da caça (lembre-se de que não há muito desses recursos na ilha).
- ▶ Casas, madeira para construção, folhas de árvores e cipós para amarração.
- ▶ Família, educação dos filhos, casamento e separação.
- ▶ Crimes, roubo, homicídio, mentiras, constituição de tribunal de investigação.
- ▶ Trabalho, comércio, sistemas de trocas e de valor. Por exemplo, como determinar o valor de cinco peixes grandes em relação à construção de uma cabana.

Em seguida, peça a um representante de cada grupo que apresente, em voz alta, as leis criadas, discutindo-as com a classe, com base nos princípios filosóficos de Locke, sempre procurando destacar a importância da participação dos indivíduos na discussão e na elaboração das normas que devem servir para todos.

### Ler – o indivíduo utilitarista

Para esta aula, é importante ter em mãos pequenas biografias de Jeremy Bentham e

John Stuart Mill. Aqui, você pode optar por pedir aos alunos que as pesquisem em casa ou leve você mesmo suas anotações sobre os dois pensadores.

Nestas aulas, trataremos do indivíduo concebido pelo **utilitarismo**, que se diferencia do **indivíduo possessivo**, de Locke. Para isso, vamos ler um excerto de Bentham e refletir sobre ele.

“[...]”

Os prazeres e as dores constituem os instrumentos com os quais o legislador deve trabalhar. Por este motivo convém que compreenda a força dos mesmos, ou seja, em outros termos, o seu valor.

II – Para uma pessoa considerada em si mesma, o valor de um prazer ou de uma dor, considerado em si mesmo, será maior ou menor, segundo as quatro circunstâncias que seguem:

1. A sua intensidade.
2. A sua duração.
3. A sua certeza ou incerteza.
4. A sua proximidade no tempo ou a sua longinquidade.

III – Essas circunstâncias devem ser consideradas na avaliação de um prazer ou de uma dor, cada qual considerado em si mesmo.

Entretanto, quando o valor de um prazer ou de uma dor for considerado com o escopo de avaliar a tendência de qualquer ato pelo qual o prazer ou a dor são produzidos, é necessário tomar em consideração outras duas circunstâncias.

São elas:

A sua fecundidade, vale dizer, a probabilidade que o prazer ou a dor têm de serem seguidos por sensações da mesma espécie, isto é, de prazer, quando se tratar de um prazer, ou de dor, em se tratando de uma dor.

A sua pureza, ou seja, a probabilidade que o prazer e a dor têm de não serem seguidos por sensações do tipo contrário, isto é, de dores no caso de um prazer, e de prazeres, em se tratando de uma dor.”

BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*. Tradução Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

Para o utilitarismo, o homem é um ser que só é livre quando se desenvolve intelectualmente e é capaz de fazer escolhas morais, diferentemente dos preceitos de Locke, que afirmava a liberdade do homem a partir da natureza.

Também não é por um contrato original que o homem passaria a desenvolver a civilização. Primeiro, porque esse contrato não pode ser provado historicamente e segundo porque, para se firmar o contrato, todos teriam certa igualdade. Para Locke, os ricos se tornaram ricos em função do exercício moral da liberdade. A riqueza era, assim, uma recompensa do bom uso da liberdade, sem dano aos outros. Se pensarmos historicamente, isso não é uma verdade, pois sabemos que o processo de

enriquecimento está atrelado ao processo de subordinação e empobrecimento do **outro**.

Para o utilitarismo, o homem é um ser que necessita vivenciar seus desejos e, com isso, vivenciar o prazer, o fim último de todos os seres vivos. Ele é um ser passional, não apenas racional ou natural. Para ajudar o homem, os utilitaristas pensaram em criar uma ciência moral tão exata quanto a Matemática, até mesmo para dar conta de um de seus problemas fundamentais, qual seja: como alcançar o prazer, sem produzir dor?

De fato, quando se considera o prazer como finalidade ética, temos aquilo que se chama hedonismo. No entanto, o hedonismo utilitarista está fundamentalmente preocupa-

do com a vida em sociedade. Portanto, a noção de prazer e dor deve ser compartilhada, surgindo dessa partilha a verdadeira moral.

### O indivíduo segundo o utilitarismo

Discuta com a classe o texto de Bentham, anotando na lousa as principais observações de seus alunos, pedindo-lhes que as transcrevam em seus Cadernos, enfatizando que, para o utilitarismo, prazer e utilidade são compatíveis, sendo que a utilidade depende da relação social.

Na segunda parte da aula, apresente aos alunos uma visão resumida da obra *Sobre a liberdade*, de Stuart Mill, em que encontramos uma noção do indivíduo segundo o utilitarismo.

Para Mill, a diferença social degrada tanto os ricos como os pobres. Por isso, a igualdade deve ser buscada. Ela será mais útil na produção de prazeres. As relações de subordinação não são bem-vindas, como patrão e empregado, homem e mulher, rico e pobre etc. Outra ideia importante de Mill deriva da necessidade de coexistir pacificamente, pois, ao pagar, o patrão perde e, ao trabalhar, é o empregado

quem perde, criando-se, portanto, uma tensão. Para evitá-la, seria fundamental que não houvesse nenhuma divisão social.

Da mesma forma como foi feito com o texto de Bentham, discuta as ideias anteriores com os alunos, incentivando-os a se manifestar livremente sobre as principais questões que elas envolvem.

### Refletir – aprofundando a leitura de Bentham

Nesta aula, vamos nos dedicar ao exercício da reflexão crítica, seguindo os passos do texto de Jeremy Bentham.

Inicialmente, peça aos alunos que selecionem três de seus desejos cotidianos. Incentive a liberdade de expressão, mas impeça a manifestação de preconceitos, do tipo “eu queria que o povo X fosse varrido da Terra”, “minha vontade é que os torcedores do time Y morressem” etc. Em seguida, peça-lhes que analisem esses desejos, segundo os critérios de Bentham, apresentados no quadro a seguir.

Exemplo de um prazer mais útil para a vida:

Qual desejo?	Passar no vestibular	Pessoas que serão beneficiadas e por quê?	Pessoas que serão prejudicadas e por quê?
<b>Intensidade</b>	Imensa.	Minha família, meus amigos. Ficarão orgulhosos e terão certeza de um futuro melhor para mim.	Meu namorado, ou namorada. Vamos morar longe um do outro.
<b>Duração</b>	Vários meses.		
<b>Certeza ou incerteza</b>	Incerto (depende de meus estudos e da concorrência).		
<b>Proximidade ou distanciamento no tempo</b>	Será ao final do próximo ano.		
<b>Sua fecundidade</b>	Pode causar outros prazeres.		
<b>Sua pureza</b>	Esse prazer não trás dor.		

Vejamos, agora, um exemplo de prazer menos útil para a vida:

Qual desejo?	Embriagar-me na próxima festa.	Pessoas que serão beneficiadas e por quê?	Pessoas que serão prejudicadas e por quê?
<b>Intensidade</b>	Forte.	Alguns colegas de festa, porque provavelmente será divertido.	Meus pais, pois ficarão preocupados. A mim mesmo, porque poderei sofrer um acidente e terei ressaca.  Os amigos, que ficarão preocupados comigo.  Estranhos que poderei ferir ou com quem posso brigar.
<b>Duração</b>	Algumas horas.		
<b>Certeza ou incerteza</b>	Incerto (posso passar mal).		
<b>Proximidade ou distanciamento no tempo</b>	Será na próxima festa?		
<b>Sua fecundidade</b>	Pode causar outros prazeres, mas não sei se terei consciência deles.		
<b>Sua pureza</b>	Pode causar muita dor, afinal, posso ser repreendido, posso ter má fama, posso passar mal, terei ressaca, posso fazer coisas que, conscientemente, não faria e isso poderá me prejudicar.		

Lembre-se de sempre explorar, ao máximo, a especificidade do desejo e sua relação com a sociedade. Quanto mais específico e justificado, melhor será o desenvolvimento desse exercício.

### **Avaliação da Situação de Aprendizagem**

Esta Situação de Aprendizagem pode ser avaliada observando a criação da autoimagem dos alunos, o trabalho em grupo sobre a criação de leis, a presença do texto de Bentham

nos Cadernos e a reflexão sobre os prazeres, derivada desse texto.

Lembre-se de que esta Situação de Aprendizagem tenta envolver todas as competências do Enem, que de forma resumida exigem sempre o exercício da linguagem escrita e dialógica; a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos; a organização e a interpretação de conhecimentos diferentes para enfrentar problemas cotidianos e construir argumentos bem fundamentados; além de procurar o desenvolvimento ético e solidário, considerando a alteridade.

## Propostas de Questões para Avaliação

1. Segundo Jeremy Bentham, como devemos escolher os prazeres?

*Os alunos deverão não apenas citar os critérios do texto apresentado, mas também apresentar uma noção do utilitarismo em*

*relação às escolhas individuais e seu laço social.*

2. Escolha um desejo e faça a análise ética dele segundo os critérios de Bentham. Em seguida, preencha o quadro, procurando apresentar dados específicos e as razões de cada item.

Qual desejo?		Pessoas que serão beneficiadas e por quê?	Pessoas que serão prejudicadas e por quê?
Intensidade			
Duração			
Certeza ou incerteza			
Proximidade ou distanciamento no tempo			
Sua fecundidade?			
Sua pureza?			

*O retorno na avaliação da tabela utilizada no exercício caracteriza a preocupação da formação crítica deste Caderno. Por isso, o que deve ser observado são as análises que o aluno pode fazer, entrelaçando as especificidades e suas conclusões.*

3. Considerando a argumentação de Locke sobre a passagem do estado de natureza para o estado de sociedade – ou civilização –, comente o papel do contrato nesta mesma passagem.
4. Assinale as características do utilitarismo.
  - a) O prazer como objetivo de todos os seres vivos.
  - b) A busca por uma ciência moral tão exata quanto a Matemática.

c) A defesa da propriedade, por meio do contrato social.

d) A igualdade deve ser construída, não sendo simplesmente dada pela natureza.

e) A ideia de que é preciso uma hierarquia cada vez maior na sociedade, entre patrão e empregado, homem e mulher, rico e pobre.

## Proposta de Situação de Recuperação

Para os alunos que não conseguirem alcançar os objetivos desta Situação de Aprendizagem, seja por não demonstrarem aquisição de conteúdo, seja pelo baixo desempenho nos exercícios de reflexão, comprometendo o de-



envolvimento das competências e habilidades almejadas, você pode propor algumas ações, visando a sua recuperação. Lembre que essas atividades procuram fortalecer nos alunos as bases para o exercício da reflexão crítica, com o que estarão capacitados a vivenciar a ação ética, moralmente aceita na sociedade, para a qual é necessária a competência do reconhecimento do estatuto ético do indivíduo.

Por isso, é muito importante que seja retomada a concepção de indivíduo, segundo os filósofos discutidos (Locke, Bentham e Stuart Mill). Em seguida, refaça com os alunos o quadro sobre as escolhas dos prazeres, segundo o texto de Bentham.

### Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

BENTHAM, Jeremy. *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, São Paulo: Abril Cultural, 1989.

LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o Governo*, São Paulo: Martin Claret, 2002.

MILL, John Stuart. *Sobre a liberdade*, Lisboa: Edições 70, 2006.

PELUSO, Luís Alberto. *Ética e utilitarismo*, Campinas: Alínea, 1998.

Todos estes livros são indicados para aprofundar seus argumentos sobre liberdade, igualdade e poder.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 TORNAR-SE INDIVÍDUO

As quatro aulas aqui propostas estarão divididas em dois eixos temáticos fundamentados por dois importantes filósofos franceses contemporâneos: Paul Ricoeur e Michel Foucault. Com isso, pretendemos trabalhar a constituição da subjetividade ou da individualidade por meio das relações socioculturais.

Na primeira aula, dialogaremos com um pequeno artigo de Ricoeur sobre a individualidade e, na segunda, desenvolveremos uma reflexão, com base na leitura de um poema de Fernando Pessoa, associado a uma narrativa sobre si mesmo. Na terceira aula, o texto a ser trabalhado será o de Michel Foucault e, na sequência, os alunos serão direcionados para uma pesquisa reflexiva sobre as instituições sociais.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** Paul Ricoeur; Michel Foucault; linguagem; narrativa; história; o outro; si mesmo; subjetivação; disciplina; poder.

**Competências e habilidades:** almeja-se levar os alunos ao exercício da reflexão crítica, voltada à análise da construção social das subjetividades; pensar a ética a partir do contato com o outro.

**Estratégias:** aulas expositivas; exercícios de leitura e reflexão.

**Recursos:** lousa e texto para leitura.

**Avaliação:** como toda a tarefa é realizada em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

## Sondagem e sensibilização – Como me torno eu?

Para esta aula, será fundamental ter em mãos uma biografia sobre Paul Ricoeur. Decida sobre a atribuição de pesquisa extraclasses para que os alunos a realizem, mas lembre-se de acrescentar dados relevantes, com base em suas anotações.

Ao iniciar a aula, destaque a seguinte questão: *O que você é agora seria consequência da natureza, da sua educação ou de suas escolhas?*

Após o debate com os alunos, você poderá apresentar as principais ideias contidas no artigo de Paul Ricoeur “Indivíduo e identidade pessoal”, inserido na coletânea *Indivíduo e poder*, organizada por Paul Ricoeur, Paul Veyne e Jean-Pierre Vernant (Lisboa: Edições 70, 1988), conforme síntese a seguir.

### Como nós pensamos o indivíduo?

Em geral, podemos dizer que o indivíduo tem duas dimensões: ser membro de uma sociedade qualquer (como uma formiga em um formigueiro) e, em sentido moral, um ser independente e autônomo. Portanto, quando falamos de indivíduo, pensamos em um ser da espécie humana com autonomia e independência.

A primeira preocupação de Ricoeur é como, de modo geral, nos individualizamos. Como dizemos, por exemplo, que determinado ser é *uma amostra indivisível de uma espécie?* Como podemos afirmar que uma abelha, por exemplo, é um indivíduo da espécie das abelhas? O que faz com que ela represente sua espécie? Igualmente, como um homem pode dizer que faz parte da espécie humana, mesmo considerando as diferenças?

O ponto de partida de Ricoeur é a linguagem, pois é por meio dela que nós pensamos e dizemos o mundo. Esse ato de dizer o mundo só é possível pela interpretação, sendo a linguagem a manifestação da interpretação do mundo. E ela é capaz de dizer o indivíduo a partir de três formas: por *descrições definidas*, por *nomes próprios* e por *indicadores*.

As *descrições definidas* podem ser: *a menina que sempre compra chocolate*. Nas descrições, há um entrecruzamento de categorias para designar um indivíduo. No caso do exemplo *a menina que sempre compra chocolate*, há a categoria *menina* e a *dos seres que sempre compram chocolate*. De todas as meninas do mundo, nós nos referimos àquela que sempre compra chocolate. De todos os seres que compram chocolate, nós nos referimos à menina. Portanto, ao descrever, nós cruzamos categorias para designar um indivíduo.

Os *nomes próprios* referem-se a uma designação específica e permanente. A função lógica é simples: designar a singularidade do indivíduo. Por exemplo, Marcelo. Obviamente, se pronuncio a palavra *Marcelo*, eu me refiro ao Marcelo. No entanto, resta-me especificar suas propriedades, como: *Marcelo, o aluno educado* ou *Marcelo, o aluno alto da 3ª série*.

Mas há outra maneira de dizer o indivíduo que, para Ricoeur, é a mais importante, a saber, por meio de *indicadores*, que podem ser pronomes pessoais, *eu* e *tu*; pronomes demonstrativos, *isto* e *aquilo*; advérbios de lugar, *aqui*, *acolá* e *além*; advérbios de tempo, *agora*, *ontem*, *amanhã*; advérbios de modo, *assim* e *diversamente*; além de todos os outros dessas categorias gramaticais.

Os indicadores se diferenciam dos nomes próprios porque podem designar seres diferentes. Por exemplo, quando dizemos Pedro

Álvares Cabral, nos referimos ao Pedro Álvares Cabral; quando dizemos *você*, podemos dizer essa palavra para referir a vários interlocutores.

Esses indicadores envolvem completamente o locutor, o ser que pronuncia a linguagem e que narra, interpretando o mundo. Observe que, quando o locutor diz *agora*, ele se posiciona no tempo. O mesmo ocorre quando ele diz *aqui*, quando se posiciona no espaço. Quando ele diz *você*, ele se posiciona em relação a *outro*.

### Eu digo

Em um diálogo, temos, necessariamente, dois interlocutores. No instante em que apenas um fala, nós temos o locutor. A locução exige alguém que ouça; portanto, *falar é dirigir-se a*. Uma interlocução exige o envolvimento de, pelo menos, dois seres – quem fala e quem ouve, ou ouvirá. No entanto, quando falamos, não apenas dizemos as coisas como são, mas criamos outras. Por exemplo, uma promessa. A promessa só existe a partir do ato da fala; ela é uma criação ética da própria linguagem, em meio a uma interlocução.

Em geral, o “eu” aparece completamente imbricado em nossa fala, encaixado em tudo o que falamos. Por exemplo, quando alguém diz *o gato está limpo*, seria fácil acrescentar uma fala que remeta ao locutor: ***eu declaro que o gato está limpo***. Mesmo sem perceber, cada vez que falamos, podemos nos remeter a nós mesmos, na condição de locutores.

Este “eu” que somos está ancorado na história e no tempo vivido – o agora –, porque esse “eu” tem um nome próprio e uma data de nascimento, fixado no tempo e no espaço. Ao dizer o próprio nome, nós fazemos uma correlação do agora com aquilo que já vivemos sob esse nome, quer seja a nossa família, quer sejam nossos documentos. É a correlação do presente vivo (dizer o nome) com algum outro ponto no

tempo. Do mesmo modo, podemos dizer isso do espaço, o lugar vivo agora, como a sala de aula, que pode ser correlato a outro espaço: pelo fato de dizermos *eu estou na sala de aula*, dizemos que não estamos em outro lugar, no qual já estivemos ou queríamos estar, por exemplo.

### Iipseidade – Do que sou para quem sou

A **ipseidade** é a fala que usamos para dizer o que pertence apenas ao indivíduo, à sua singularidade. Aquilo que, entre vários de uma espécie, diferencia um só. Por exemplo, o que diferencia um cão de todos os outros do mundo. Quando dizemos somente este ser (cão) no mundo é assim, em tais razões e motivos, formamos a ipseidade.

Somos seres que nos caracterizamos por instituir o mundo pela linguagem. Ademais, ela nos proporciona o que somos: seres que fazem uso desta mesma linguagem para se expressar, interpretar e ouvir. Isso significa dizer que a linguagem nos proporciona o que somos e o que o mundo é. Mas será que a linguagem é capaz de não apenas dizer o que somos, mas **quem** somos?

Essa problemática do **quem** é fundamental, na medida em que a resposta a essa questão traz a possibilidade da instituição do “eu” como si mesmo – idêntico somente a si, diferente de todos da sua espécie.

Para sabermos *quem é este “eu”*, o passo seguinte é narrá-lo. Ao narrar, somos obrigados a dizer a ação desse sujeito. Narrativa supondo, minimamente, o “eu”, algum verbo, em algum lugar, em algum tempo, sobre algo, como em “Eu nasci em Sorocaba”; “Eu sei ler”; “Eu sinto saudade de Maria” etc. Até o ponto de criarmos “intrigas” ou entrelaçamento de vivências, ao máximo que nossa linguagem pode suportar. Somos mais densos conforme se aprofunda nossa linguagem e conforme nossas narrativas de nós mesmos melhoram.

Além disso, torna-se fundamental pensarmos que nossa narrativa não diz apenas de um ser imutável; ela é uma história de um ser em contínua mudança, pois esse ser se dá pela ação narrada, e cada ação é diferente, até mesmo a mais recente delas. Portanto, nós somos a nossa história contada e somos leitores de nós mesmos.

### A linguagem do “eu” e o outro

De fato, o uso da linguagem produz a constituição do “eu”. Nossas palavras e sentidos estão recheados das mais diversas ideologias. Nessa fusão quase sempre imperceptível, essas ideologias também nos instituem e nos configuram, atuando em nossa própria narrativa.

Se aprendermos desde criança palavras de discriminação, de categorização de pessoas, algo comum em universos sociais racistas, nossa leitura de nós mesmos pode estar profundamente constituída por esses preconceitos. Com a exclusão do outro, por exemplo, instituímo-nos de maneira vil como racistas.

No entanto, pode haver uma promessa que fazemos para sermos melhores dentro da sociedade, com ações cuja narrativa se expressa por um ato generosamente bonito. Por isso, podemos partir de uma situação de narrativa de nós mesmos para outra, na tentativa ética de superarmos as injustiças e a exclusão

do outro. Podemos, sempre, perguntar a nós mesmos, o que dizer da sua história? Ela é honestamente bonita?

Não se pode pressupor que a ética dependa exclusivamente do indivíduo por si mesmo, uma vez que esse indivíduo é configurado pela sua ação no mundo, principalmente em relação ao outro, por meio de cooperação a partir da linguagem.

Para Ricoeur, a ideologia individualista propõe pensarmos que, independentemente dos outros, somos agentes éticos capazes de moldar a sociedade. Ao contrário, quando fazemos a promessa de sermos melhores, instituímos quem faz e quem ouve a promessa. Configurou-se o eu e o outro de mim, que agora é o tu-você. Depois, este que ouviu tem o direito de cobrar a promessa feita. Ao mantermos nossa promessa, estabelecemos um laço de confiança e de cooperação. Nossa narrativa nos configura, mas não o faz sem configurar o outro. O dever ético não se dá apenas sobre o indivíduo, mas sobre a relação com o outro.

### Ler e escrever – Dizendo quem somos

Nesta aula, apresente aos alunos o seguinte poema, inicialmente dando-lhes alguns dados biográficos do autor, Fernando Pessoa.

#### Aniversário

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu era feliz e ninguém estava morto.  
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,  
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.  
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,  
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,  
De ser inteligente para entre a família,  
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.  
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.  
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,  
 O que fui de coração e parentesco.  
 O que fui de serões de meia-província,  
 O que fui de amarem-me e eu ser menino,  
 O que fui – ai, meu Deus! –, o que só hoje sei que fui...  
 A que distância!...  
 (Nem o acho...)  
 O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!  
 O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,  
 Pondo gelado nas paredes...  
 O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),  
 O que eu sou hoje é terem vendido a casa,  
 É terem morrido todos,  
 É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...  
 No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
 Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!  
 Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,  
 Por uma viagem metafísica e carnal,  
 Com uma dualidade de eu para mim...  
 Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!  
 Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...  
 A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na louça, com mais copos,  
 O aparador com muitas coisas – doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado,  
 As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,  
 No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...  
 Para, meu coração!  
 Não penses! Deixa o pensar na cabeça!  
 Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!  
 Hoje já não faço anos.  
 Duro.  
 Somam-se-me dias.  
 Serei velho quando o for.  
 Mais nada.  
 Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...  
 O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...”

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=16598](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16598)> . Acesso em: 12 jan. 2009.

Com base na leitura e na reflexão sobre este poema, os alunos deverão compor uma reflexão sobre si mesmos, levando em consideração o cruzamento de temporalidades e espacialidades. Estimule-os a escrever sobre quem são em relação a acontecimentos passados, lugares aos quais foram, situações que

vivenciaram, lugares aos quais desejam ir ou não, sonhos que desejam vivenciar. Procure salientar não apenas aspectos emocionais ou estéticos (prazer e dor), mas sobretudo a relação dos alunos com o passado, o presente, o futuro (onde estão, aonde irão, de onde vieram, o que está próximo, o que está distante).

## Ler – A sujeição

Para esta aula, será importante ter em mãos uma biografia de Michel Foucault. Também, aqui, você poderá levá-la para a sala ou, preferencialmente, pedir aos alunos que façam

uma pesquisa sobre esse pensador, anotando os dados em seus Cadernos.

Apresentamos a seguir um pequeno texto que elaboramos a partir da obra *Vigiar e punir* de Michel Foucault.

Durante a era moderna, o corpo se tornou alvo de dois tipos de pesquisas e escritas. Uma forma anatômica e metafísica, dos filósofos e dos médicos, e uma forma técnica e política, que estava presente nos regulamentos de instituições e de formas de condutas disciplinadoras, como, por exemplo, no exército, no hospital e na família.

Para a forma de escrita sobre o corpo anátomo-metafísica dizia e se investigava as funções do corpo, cada órgão, cada detalhe, e se procurava entendê-lo em um conjunto moral – todas as questões orbitavam as funções. Por exemplo: olho, o que é? Para que serve? Como funciona? Qual a sua função biológica e moral?

Para a forma de escrita sobre o corpo técnica-política o que se dizia apontava como torná-lo apto para um ideal de vida social. Por isso, estas técnicas informavam como fazer com que uma pessoa fosse capaz de produzir algo, como por exemplo, como um trabalhador pode conseguir mais de seu trabalho e em menos tempo, como acalmar uma pessoa considerada louca, como impedir que as crianças utilizassem indevidamente os órgãos genitais, como impedir que os soldados ficassem “molengas”, e muitos outros.

Estes conhecimentos sobre o corpo faziam com que cada vez mais as pessoas procurassem viver de forma a corresponder a eles. Assim, logo se descobriu que o que se faz com o corpo, se faz com a subjetividade das pessoas. Se alguém é treinado para ser soldado, logo ele pensará com os ideais de um soldado, terá emoções de soldado, ou seja, estará moldado por dentro e por fora para ser um soldado. O que se diria então dos esportistas, dos religiosos, dos alunos, dos trabalhadores? A modernidade a partir do corpo aprendeu a moldar as pessoas por completo, não apenas por teoria, mas sobretudo, por meio de técnicas.

Texto elaborado especialmente para este Caderno.

## Comentário

Esse excerto traz uma das ideias centrais de Foucault, a qual diz respeito à invenção do sujeito moderno, do indivíduo moderno. Para este filósofo, a maneira como nos vemos não procede de nossa natureza, nem de uma essência pessoal; ela vem de fora, de práticas que criam sujeitos – a sujeição. Nós nos constituímos não apenas por palavras, mas por ações fundidas a palavras, que, de modo geral, vêm ditadas pela sociedade, ou melhor pelas instituições.

Para Foucault, nós não somos fruto de teorias, somos fruto de práticas, ainda que algumas teorias nos influenciem. Por exemplo, seria possível existir um dançarino que nunca dançou ou um pintor que nada pinta? A resposta seria que são nossas práticas que nos constituem, e não a natureza.

Mas de quais práticas estaria falando o filósofo? De onde elas vieram? Foucault fala das práticas disciplinares que vieram das instituições modernas, principalmente a partir do século XVIII, como as prisões, os hospi-

tais, os quartéis, as fábricas e as escolas; sim, as escolas etc.

### A distribuição

A primeira atividade que as autoridades modernas deram ao corpo para discipliná-lo foi a *distribuição*. Para controlar um indivíduo, é importante colocá-lo em um lugar escolhido por nós. Mas como seria possível distribuir pessoas de uma cidade ou de uma sociedade inteira?

- ▶ Primeiro, construindo cercas ou muros, como nos quartéis e nas escolas. Dessa maneira, os soldados e os alunos ficam separados das pessoas, não causando problemas.
- ▶ A segunda prática de distribuição consiste em separar os grupos e fazer com que cada um encontre um lugar no espaço. Por exemplo, cada trabalhador no seu setor, cada doente no seu quarto, cada aluno em sua carteira etc.
- ▶ A terceira prática de distribuição configura-se em dar aos indivíduos um lugar funcional: não basta separar, é preciso que estejam em um lugar em que possam ser vigiados, evitando comunicações indevidas ou reunindo forças contra quem os controla.
- ▶ Enfim, toda a separação tem o ideal da fila, o que quer dizer que as pessoas são separadas segundo uma hierarquia. Por exemplo, as séries e as classes na escola são separadas por hierarquias de idade, rendimento do aluno, e são formadas segundo a atenção dada à disciplina.

### O controle do tempo

Outra forma de transformar os indivíduos por meio dos corpos consiste em controlar o seu tempo.

- ▶ Primeiro, *pelos horários*: hora para chegar, descansar, sair, trabalhar, dormir, acordar, tomar o remédio.

- ▶ Segundo, *marcando o tempo de sua ação*; por exemplo, a marcha dos soldados, a velocidade para apertar um parafuso na fábrica, em atender um telefone ou outra atividade.
- ▶ Terceiro, *disciplinar o corpo inteiro*, para sempre fazer bem-feito tudo.
- ▶ Quarto, *adaptar o corpo aos objetos* que se manipulam; por exemplo, caso fosse preciso ficar muito tempo em pé, seria necessário disciplinar as pernas e controlar os gestos, para que elas consigam executar as tarefas.
- ▶ Enfim, utilizar bem o tempo, até a *exaustão*.

### O controle das gêneses

Para conseguir criar o indivíduo desejado, também foi preciso controlar a forma de sua subordinação à disciplina. Para isso:

- ▶ Separaram-se os aprendizes dos veteranos.
- ▶ Segundo as necessidades de exercícios, foram separados aqueles que precisavam melhorar o desempenho nesta ou naquela ação ou atividade, exercitando-os até que alcançassem o máximo rendimento. Como em uma academia de musculação, aquele que precisa trabalhar os braços, por exemplo, foi direcionado a isso, assim como no exército, em que aquele que precisa melhorar a pontaria é separado e exercitado para isso.
- ▶ Criaram-se testes para medir a habilidade de cada indivíduo e encerrar o processo.
- ▶ Para cada um é dada uma série de atividades, conforme sua idade, conhecimento e habilidade, até alcançar o objetivo final.

### Recursos de um bom adestramento

Para conseguir um bom adestramento, foi preciso lançar mão de alguns recursos e procedimentos:

- ▶ *Vigilância* – é preciso que alguém fique observando a atividade, o corpo, o uso do tempo. Dessa maneira, será possível *corrigir* ou *punir*.

- ▶ A sanção normalizadora – em cada instituição, há maneiras de punir as pessoas que não cumprem seus deveres, o que ocorre na família, na escola, na fábrica ou no exército. Essa punição pode vir dos próprios integrantes da instituição (os familiares, por exemplo) ou das autoridades.
- ▶ O exame – ao saberem que vão ser submetidos a um teste, prova ou observação de uma autoridade, os indivíduos se autovigiam e se autopunem, colocando os objetivos das instituições dentro de si. Como? Vejamos o exemplo das provas na escola. Para se sair bem na prova de Matemática, o aluno terá de estudar. Estudar é uma atividade *nem sempre agradável*. Para realizar essa atividade nem sempre agradável, o aluno terá de se vigiar, dizendo a si mesmo: *será que estou estudando o suficiente?* Caso não esteja estudando, ele pode submeter-se a uma autopunição, por exemplo, já que não estudou durante a tarde, não assistirá ao filme da noite para poder fazê-lo.
- ▶ Os exames escolares produzem uma documentação que, ao final, compõe um histórico de cada pessoa. Por exemplo, tanto na escola como no hospital ou na fábrica, cada indivíduo tem uma ficha onde são registrados seus dados e guardados a documentação. Dessa maneira, é possível saber quantas vezes o aluno foi reprovado, se é ou não disciplinado, em quais matérias apresenta maior ou menor dificuldade, se foi punido e as razões de sua punição etc. Do mesmo modo, na fábrica, quantas vezes o operário chegou atrasado, quantas faltas já teve, quais suas condições de saúde, quantos e quais foram os acidentes sofridos etc. Enfim, cada um se torna um caso que requer determinado tratamento.

Para Foucault, os indivíduos não nascem prontos, não têm essência ou natureza; eles são criados pelas atividades que desenvolvem com o seu corpo. Para esse filósofo, somos corpo e nada mais. O que fazemos com o cor-

po é o que nos define, e não apenas o que é dito sobre nós mesmos. E ninguém nasce livre, apesar de essa frase parecer bonita; nossa liberdade é uma conquista que fazemos não com palavras, mas com práticas.

As ideias/conceitos, a distribuição, o controle do tempo, o controle das gêneses e recursos de um bom adestramento, foram melhor trabalhadas na obra de Foucault, *Vigiar e punir*.

### Refletir e pesquisar

Para esta aula, será importante que os alunos realizem uma pesquisa a respeito de práticas que moldam indivíduos. Com base em Foucault, existem vários exemplos que poderão ser apresentados aos alunos para que tenham à sua disposição critérios de pesquisa. Entre esses exemplos, pode-se destacar o trabalhador.

O trabalhador é vigiado pelo gerente, desde o lugar onde está até o que está fazendo e em quanto tempo. Conforme o tempo passa, o trabalhador vai assumindo, mesmo sem perceber, ideias da ação do seu próprio corpo. Até chegar a hora em que vai acabar acreditando que aquele tipo de vida é ideal. Desse modo, como a fábrica é pensada racionalmente, o trabalhador vai levar para sua vida pessoal essa racionalidade, tanto na ordenação do espaço como na ocupação do tempo.

Os objetivos desta aula são levar os alunos a compreender como nossas individualizações são formadas socialmente. Em seguida, terão a oportunidade de pensar essa ação social de maneira crítica, sendo levados ao desenvolvimento de competências que possam reforçar sua autonomia.

Para isso, você deve dividir a turma em grupos, orientando os alunos para que façam pesquisa e reflitam sobre os temas a seguir, o que pode ser sorteado na sala ou atribuído diretamente por você.



1. Como a prática religiosa forma os indivíduos?  
*Aqui, pensamos a prática religiosa como uma prática física: por exemplo, o ato de sair de casa e ir a uma reunião de culto, fazer certos gestos, dizer determinadas palavras, ouvir certas ideias.*
2. Como a prática esportiva forma os indivíduos?  
*Aqui, pensamos o esporte não como ideal, mas como atividade que requer que o atleta controle o tempo e o espaço em relação a suas atividades: alimentação, esforço, rotinas.*
3. Como a prática escolar forma os indivíduos?  
*Considerar não apenas os conteúdos das matérias, mas as formas de disciplinarização, o espaço onde se sentam os alunos, quem os vigia, as punições que recebem ou podem receber, os períodos em que se distribuem as atividades, como os professores são vigiados e vigiam etc.*
4. Como as Forças Armadas formam os indivíduos?  
*Levar em conta posturas diante da sociedade, uniformes, disciplina, hierarquia, maneiras de se expressar.*
5. Como as famílias formam os indivíduos?  
*Quem vigia, organização do espaço doméstico, punições, divisão de trabalho, quem lava a louça, quem tira o lixo, quem cuida da casa, quem não o faz.*

Essa pesquisa pode ser realizada usando jornais, noticiários e programas de TV, revistas, entrevistas e depoimentos pessoais. Durante a aula, peça aos grupos que apresentem suas ideias, debatendo-as com os alunos da classe.

### **Avaliação da Situação de Aprendizagem**

Esta Situação de Aprendizagem poderá ser avaliada pelo texto escrito pelos alunos a respeito de uma imagem estética de si mesmos,

pela pesquisa em grupo a respeito da formação da individualidade e pela leitura e correção dos textos nos cadernos.

### **Proposta de questões para Avaliação**

1. Explique como a linguagem nos configura como indivíduos.

*Para esta questão, espera-se que o aluno apresente conhecimentos sobre o ato único e existencial da linguagem, por meio da hermenêutica, conforme nos aponta Paul Ricoeur. Além disso, o aluno deve demonstrar domínio da forma culta da Língua Portuguesa.*

Competências e habilidades: *O reconhecimento da linguagem como suporte existencial para a fundamentação do indivíduo é uma competência ética e permite observar habilidades que dizem respeito ao desenvolvimento cultural do aluno. Dessa maneira, o aluno deve associar o exercício da linguagem escrita e dialógica, demonstrando compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos, além de capacidade de organização e interpretação de conhecimentos diferentes para enfrentar problemas cotidianos e construir argumentos bem fundamentados.*

2. Para Michel Foucault, como as práticas formam os indivíduos?

*Na resposta, o aluno deve considerar os argumentos filosóficos e históricos de Michel Foucault, referindo-se à sociedade disciplinar e seu controle sobre o corpo, no tempo e no espaço.*

Competências e habilidades: *Pensar a ação das instituições e da disciplina, a vigilância e a punição, como instrumentos criadores de formas de acomodação e sujeição física e de construção da subjetividade. Com isso, pretende-se que o aluno desenvolva compe-*

tências que possam sustentar um procedimento de autoanálise, com o consequente desenvolvimento da autonomia. Além disso, a Situação de Aprendizagem visa avaliar competências para o adequado exercício da linguagem escrita e dialógica; para a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos; para a organização e interpretação de conhecimentos diferentes para enfrentar problemas cotidianos e construir argumentos bem fundamentados; além de procurar o desenvolvimento ético e solidário, considerando a alteridade.

3. Para Paul Ricoeur, como nós nos configuramos como indivíduos?

- a) Por nossa liberdade natural.
- b) Pelo contrato social.
- c) Pelas práticas corporais.
- d) Pela narrativa de nós mesmos.
- e) Por nossa essência.

Competências e habilidades: *A compreensão da narrativa de si mesmo, como condição existencial, permite a visualização de competências relacionadas à profundidade da linguagem e sua razão cultural, além do direcionamento ético-existencial, permitindo melhor compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos.*

4. Para Foucault, a criação da subjetividade moderna se dá pelo controle dos corpos. Assinale quais das ações seguintes favoreceram esse controle.

- a) Vigiar.
- b) Recompensar.
- c) Ignorar.

d) Explicar.

e) Punir.

Competências e habilidades: *Aqui, espera-se que o aluno desenvolva argumentos históricos e filosóficos sobre os métodos de sujeição empregados na construção dos indivíduos, relacionando fenômenos históricos, sociais e culturais, com base na organização e na interpretação de conhecimentos diferentes, para enfrentar situações-problema, o que requer o domínio da forma culta da língua.*

5. Segundo Michel Foucault, a sanção, a vigilância e o exame são recursos para:

- a) A linguagem.
- b) Termos boas notas.
- c) A liberdade natural.
- d) Descobrimos nossa essência.
- e) O adestramento do corpo.

Competências e habilidades: *Nesta questão, a competência esperada diz respeito ao entendimento crítico das ações disciplinares como formadoras de subjetividade. Simultaneamente, em sintonia com as competências do Enem, espera-se a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos, a organização e interpretação de conhecimentos diferentes para enfrentar problemas cotidianos e a construção de argumentos bem fundamentados.*

### Proposta de Situação de Recuperação

As atividades a seguir destinam-se aos alunos que não conseguiram alcançar os ob-

jetivos desta Situação de Aprendizagem, demonstrando baixo desempenho nos exercícios de leitura, reflexão e escrita, assim como nos debates em sala.

Lembre-se de que esta Situação de Aprendizagem visa proporcionar aos alunos o exercício da reflexão crítica para pensar a construção social das subjetividades e, desse modo, assumir um posicionamento ético a partir do contato com o outro diretamente ou pela mediação de instituições sociais ou políticas.

Por isso, é muito importante que seja retomada, em forma de explicação, a concepção de si mesmo e do outro, conforme Paul Ricoeur, e das práticas de constituição da subjetividade moderna, de acordo com Michel Foucault. Como sugestão, você pode pedir aos alunos em situação de recuperação que escrevam um texto contando quem são eles a partir das práticas sociais que os constituíram. Nessa redação – além de avaliar o texto –, é preciso considerar o uso dos conteúdos expressos por Ricoeur e Foucault.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

### Livros

CÉSAR, Constança Marcondes. *Paul Ricoeur*. São Paulo: Paulus, 1998. O livro apresenta boa síntese do pensamento de Paul Ricoeur, realizada por pesquisadora especialista na obra deste filósofo.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Tradução Raquel Ramalhte. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VIEIRA, Priscila Piazentini. *Michel Foucault e a história genealógica em vigiar e punir*. Campinas/SP:IFCH; Unicamp, 2006. Além de ser uma monografia de conclusão de curso premiada, oferece bons argumentos para utilizar em sala de aula.

### Site

*Dossiê Foucault*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/numero3.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2008. Site que oferece significativa coletânea de artigos e vídeos sobre a obra de Michel Foucault. O acesso é livre.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 CONDUTAS MASSIFICADAS

Tratar dos desejos do indivíduo com a responsabilidade da formação da autonomia impede que o consideremos a partir das morais normativas. É por isso que, para analisar o problema, se impõe a mediação filosófica. Assim, os alunos poderão discutir quanto sua individualidade é ou não conduzida por forças que lhes são externas, principalmente em função de objetivos específicos de lucro e domínio.

É importante frisar que conhecer os próprios limites e a artificialidade de objetivos

permite o desenvolvimento da liberdade. Para que isso seja viável, trabalharemos, na primeira aula, com o indivíduo segundo Max Stirner; na segunda, faremos uma introdução à psicanálise, dedicando as últimas aulas ao conceito de indústria cultural ou cultura de massa. Em todas essas aulas, objetiva-se fazer com que os alunos pensem em função de suas relações sociais de desejo e de identidade, com o intuito de que possa emergir a individualidade, excluindo as condutas massificadas.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** Stirner; Freud; Adorno; Horkheimer; indivíduo; egoísmo; psicanálise; cultura de massa.

**Competências e habilidades:** almeja-se dar aos alunos elementos que permitam o exercício da reflexão crítica, capacitação para a vivência da ação ética, com base em uma crítica das relações sociais e nos impulsos dos desejos.

**Estratégias:** aulas expositivas; exercícios de leitura e reflexão.

**Recursos:** lousa e texto para leitura.

**Avaliação:** como toda a tarefa é realizada principalmente em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

## **Sondagem e sensibilização – Ouvir e dialogar – O único e sua propriedade**

Para esta aula, é muito importante ter em mãos uma biografia de Max Stirner, preparada por você ou pesquisada pelos alunos na biblioteca da escola ou em *sites*.

Comece a aula escrevendo na lousa as seguintes questões: *Todos nós somos um pouco egoístas?; O que fazer com nosso egoísmo?; Devemos assumi-lo ou lutar contra ele?* Para encaminhar a discussão, apresente à classe algumas das ideias que caracterizam o pensamento de Max Stirner.

Para Stirner, o homem é um ser egoísta, embora não saiba o que fazer com seu egoísmo. Assim, o pensador propõe que cada um deve assumir seu egoísmo, tornando-se dono de si mesmo.

Quando as pessoas procuram se libertar do egoísmo servindo a Deus, na verdade acabam servindo aos líderes religiosos e a si mesmos, de maneira parcial. Deus é uma ideia para o indivíduo, independentemente de existir ou não. O homem só serve a ele por pensar que

Deus existe, e será feliz assim. Quando as pessoas procuram servir à sociedade, elas acabam servindo a líderes políticos, pois a sociedade ou a nação também são ideias. Quando as pessoas procuram trabalhar, cada vez mais e melhor, para servir à honestidade; na verdade estão servindo os empregadores.

Portanto, as ideias de Deus e de nação são afastamentos parciais de nós mesmos. Quando acreditamos que somos seres espirituais, feitos por e para as ideias, achamos que devemos segui-las. Desse modo, pensamos egoisticamente: *vou servir a Deus, porque lucrarei com isso indo para o céu, ou vou servir à sociedade, porque terei prestígio e serei considerado bom*. No entanto, se chegássemos à conclusão de que somos corpo, então serviríamos a nós mesmos em totalidade.

A sociedade cristã e moderna procura criar um indivíduo com aparência de livre, mas que, no fundo, é escravo da razão, da fé, ou do Estado. Todas essas instâncias e entidades prometem a liberdade, desde que renunciemos de alguma forma a nós mesmos, pois não existe liberdade interior, havendo somente aquela que é vivida longe de qualquer forma de servidão.

Então, quem somos nós? Stirner responde à pergunta, afirmando que somos um poço de desejos e não devemos ouvir as vozes da consciência, nem da sociedade e muito menos de Deus, pois elas escondem *egoístas* que lucram com isso. Desse modo, o egoísmo é a chave para vivenciarmos definitivamente nossos desejos, pois – se for para sermos escravos de alguém –, então que o sejamos de nós mesmos.

### Como seria a sociedade?

Se cada um assumisse seu egoísmo, fazendo o bem aos outros por interesse (*eu faço você feliz para você me fazer feliz*), não haveria intrigas nem lutas, pois cada um seria tão diferente do outro, a ponto de não poderem sequer discordar. O problema das intrigas e das lutas é que nós nos imaginamos parecidos com os outros e agimos por egoísmo disfarçado, adormecido. Julgamos, ainda, os outros como falsos, quando nós também somos. Por isso, nem realizamos nossos desejos, nem alcançamos nossos ideais.

### Dialogar – O indivíduo e a psicanálise

Para continuarmos a aprofundar as questões a respeito do indivíduo, será fundamental introduzir o aluno em alguns conceitos básicos da psicanálise, inclusive considerando sua influência na Filosofia contemporânea, como na Escola de *Frankfurt*, na hermenêutica francesa e no existencialismo.

Para esta aula, é fundamental dispor de uma biografia sobre Sigmund Freud, que pode ser pesquisada pelos alunos e ser completada com suas informações.

Analisando pessoas com uma doença chamada *histeria*, cujos sintomas se confundem com uma espécie de “**possessão demoníaca**”, como falta de visão, desmaios, tonturas, paralisia, pânico e ansiedade sem causa física

aparente, Freud descobriu que ela se tratava de uma doença causada pela autorrepressão.

Autorrepressão de quê? De impulsos considerados dolorosos, terríveis ou vergonhosos para aquele indivíduo. Freud concluiu, portanto, que era essa repressão que as pessoas faziam contra os próprios impulsos que causava a *histeria*. Esses impulsos ficariam fechados, isolados no que Freud chamou de **inconsciente**.

O inconsciente está por trás de grande parte de nossas fantasias. Ele gera nossas lembranças e permite que nossa consciência tenha acesso a informações importantes, como a memória de nomes, datas, lugares, sensações. No entanto, mais do que isso, o inconsciente é responsável também por esquecimentos, lapsos, distrações, confusão de ideias, erros nas sensações, atitudes desastrosas, associação de ideias diferentes.

A cultura ocidental ignorou o inconsciente e supervalorizou a **consciência**. Entretanto, independentemente disso, o inconsciente está sempre em atividade no dia-a-dia, criando, por exemplo, os sonhos. Por isso, ao interpretar o sonho, seria possível chegar a alguns conteúdos do inconsciente, conhecendo um pouco aquilo que reprimimos.

### A libido

Para Freud, o “eu” de cada um é uma parte da Biologia. Nosso cérebro é um corpo, e este corpo é o lugar onde nós acontecemos. Somos inseparáveis. Aqui, é importante você frisar para a classe que Freud não tinha uma visão **espiritualista** do homem, mas integral, materialista e científica.

O homem biológico nasce, cresce, alimenta-se, se reproduz e morre. Mas, para se reproduzir, ele tem uma força natural que se desenvolve com todo o seu ser desde a infância. É a **libido**, a força do instinto sexual, que não apenas opera no ato sexual, mas na própria

formação do desejo. Assim, como todos os instintos, a libido está em nossa formação individual. Nas sociedades como a nossa, nas quais aprendemos a esconder o corpo desde crianças, e nas quais os valores religiosos associam sexo a pecado, ocorre uma repressão e uma inibição com relação ao corpo e ao sexo.

Essas sementes de repressão na infância podem se tornar uma neurose no adulto. Os desejos reprimidos, muitas vezes, são manifestos de forma indireta, por meio de sonhos ou ações que aparentemente não têm a ver com o objeto do desejo reprimido. Por exemplo, se desejarmos determinado objeto, em vez de sonhar diretamente com ele, podemos sonhar com objetos parecidos ou análogos. Perto de uma pessoa por quem sentimos atração, podemos nos atrapalhar, tropeçar, esquecer palavras, corar ou até mesmo mostrar desprezo pela pessoa, criando um ódio aparentemente desmotivado e sem sentido. Da mesma forma, isso funcionaria com outros instintos.

### A estrutura do mecanismo psíquico

Nosso aparelho psíquico apresenta, para Freud, três estruturas:

- ▶ *Id*: constituído pelos impulsos múltiplos, associado ao princípio de prazer e ao inconsciente.
- ▶ *Ego*: contato com a realidade, associado à consciência de si como indivíduo.
- ▶ *Superego*: internalização das regras morais, associado à consciência sobre os limites oferecidos pelo outro à realização do princípio de prazer.

O *ego* é nossa fachada; ele tem de estar constantemente em negociação com o *Id*, que nos impulsiona pelos desejos, e com o *superego*, que

nos reprime de dentro para fora. O *id* quer prazer imediato, mesmo que isso custe a própria vida.

Os impulsos são agressivos. Para contê-los, além da repressão direta, o princípio da realidade compele a libido a usar sua força para outras atividades, como a arte e a produção do conhecimento, por exemplo. Isso acontece porque todos nós trazemos uma agressividade que deve ser domada para que possamos viver em sociedade. A luta pelo prazer seria, assim, a destruição da civilização; por isso, inventamos a arte, a religião e a moral, com o que podemos negar os impulsos e seus prazeres, a fim de conviver na sociedade.

Nós negamos os prazeres por um pouco de segurança, e não para sofrermos em demasia. No entanto, acontece que a negação social pode ser tão agressiva que o indivíduo não conseguirá ter prazeres suficientes na vida, desenvolvendo, em consequência, as neuroses, as doenças psíquicas.

### Debate

*Como podemos lidar com nossos impulsos de maneira saudável? Além disso, como os esportes, as artes, as morais e as religiões nos ajudam a enfrentar os desejos mais violentos e as repressões mais sufocantes?*

Introduza essas questões e abra o debate, escrevendo na lousa as principais considerações dos alunos. Como subsídio, esclareça que, para Freud, nós somos animais que desejam e querem o poder para conseguir os prazeres. O que acontece, muitas vezes, é que esse poder é destrutivo, podendo atingir a nós mesmos e aos outros. Mais ainda, quando a sociedade tenta reprimir os desejos, acaba muitas vezes sufocando completamente as pessoas. Para resolver esses impasses, foram inventados os esportes e as artes, as morais e as religiões.

Aqui, é importante tratar, cuidadosamente, de questões de foro íntimo, como a religião

e a sexualidade. Por isso, ao mesmo tempo em que os alunos devem ser incentivados a se manifestar livremente, impeça comentários preconceituosos, conduzindo o debate, sem perder de vista os objetivos desta Situação de Aprendizagem.

## Ler e refletir – A indústria cultural

Para esta aula, é fundamental ter em mãos pequenas biografias de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Cabe a você decidir sobre sua encomenda aos alunos.

Inicialmente, proponha à classe a seguinte questão: *Quem nós copiamos?*

Para Adorno e Horkheimer, após o Iluminismo, o ser humano se esqueceu da razão como busca da verdade, da veracidade das teorias e da ética. Por temer, de certa forma, a verdade, fez-se a opção pelo funcionamento de tudo. Cada vez que perguntamos para que serve ou qual a finalidade de algo, estamos no campo da *razão instrumental*. Trocamos a busca pela verdade pela busca de objetivos sem crítica.

A *razão instrumental* está preocupada com os *fins* que também caracterizam o sistema de exploração capitalista. Por isso, diante das forças econômicas, os indivíduos acabam reduzidos a zero. Milhões de pessoas são excluídas por categorias de pensamento desenvolvidas a partir do século XIX, como a ideia de que as empresas beneficiam os trabalhadores, mas a maioria deles, ainda hoje, não conseguiu encontrar esses benefícios.

Para que esse sistema histórico-social – que apenas favorece os empregadores – possa continuar intacto, isto é, fortalecido, inventou-se uma maneira muito poderosa de fazer com que as pessoas não usem sua razão crítica para criar sua individualidade, tornando-se verdadeiras **cópias** de outras pessoas igualmente artificiais.

Assim, a *razão instrumental* acabou gerando a cultura de massa, que é a industrialização e produção em série de mercadorias culturais, que produzem, por sua vez, individualidades falsas ou pseudoindividualidades.

Vejamos o excerto a seguir. Sugerimos que você o compartilhe com seus alunos.

“Na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão. Da improvisação padronizada do *jazz* até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudoindividualidade. O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo. Assim, por exemplo, o ar de obstinada reserva ou a postura elegante do indivíduo exibido numa cena determinada é algo que se produz em série exatamente como as fechaduras *Yale*, que só por frações de milímetros se distinguem umas das outras. As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo natural. Elas se reduzem ao bigode, ao sotaque francês, à voz grave de mulher de vida livre [...]: são como impressões digitais em cédulas de identidade que, não fosse por elas, seriam rigorosamente iguais e nas quais a vida e a fisionomia de todos os indivíduos – da estrela do cinema ao encarcerado – se transformam, em face ao poderio do universal. A pseudoindividualidade é um processo para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade. A cultura de massas revela assim seu caráter fictício que a forma do indivíduo sempre exibiu na era da burguesia, e seu único erro é vangloriar-se por essa duvidosa harmonia do universal e do particular.”

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 144-5.

## Comentário

Nesse importante texto da Escola de *Frankfurt*, Adorno e Horkheimer apresentam a cultura de massa ou a indústria cultural, que submetem a arte e as manifestações culturais às leis de mercado. A beleza que fazia com que o homem compreendesse a profundidade de sua existência há dois séculos revelou-se efêmera e superficial, esvaindo-se com a moda. Em resumo, mostram os filósofos, o mais importante não é construir a si mesmo, mas copiar quem está na propaganda.

Como você bem sabe, esse tema é crucial para trabalhar com alunos dessa faixa etária, tantas vezes confundidos ou manipulados pela propaganda de valores inatingíveis para a maioria deles. Por isso, é importante que você insista na avaliação das atitudes de mera cópia, tão frequente em nossa sociedade.

Mas onde se encontra a cultura de massa? No rádio e na televisão, nos jornais e revistas, no cinema, nos *shows* e na propaganda, em geral, isto é, nos meios de comunicação de massa.

Qual a estratégia dessas empresas? Conquerir as pessoas de que elas são livres para escolher o que é melhor, mas insistindo que o melhor é sempre o seu próprio produto. Além disso, tentam transformar tudo em entretenimento, por exemplo:

- ▶ Todas as rádios tocam as melhores músicas. O ritmo da juventude, o som do amor. Há aquelas que afirmam tocar as melhores músicas da semana, mas ocultam quanto se pagou para que estas fossem consideradas as melhores.
- ▶ Os jornais e revistas sempre afirmam seu compromisso com a **verdade**. Como sabemos, a verdade jornalística vende, principalmente quando se faz uma “grande

denúncia”. Passado o impacto – e esgotadas as edições – a “grande denúncia” acaba esquecida.

- ▶ No cinema e nas telenovelas, tudo tem um final quase sempre previsível, os melhores efeitos especiais ajudam os pseudoartistas, que apresentam sempre corpos masculinos fortes e corpos femininos sensuais. Na maioria das vezes, pessoas seminuas, vivendo uma história pronta, com começo, meio e final feliz, como se a vida fosse assim.
- ▶ Nos *shows*, a eletrônica, os dançarinos e a iluminação ajudam a disfarçar os limites das vozes dos cantores. O gelo-seco cria a emoção que a canção não é capaz de criar. O volume alto do som empurra todo mundo para o balanço de músicas sem sentido e, muitas vezes, malfeitas, mas se trata do cantor ou cantora que todos escutam. A pirataria, por sua vez, apenas reforça a indústria cultural, barateando o produto e permitindo, assim, maior acesso à cultura de massa e a seus reduzidos valores.
- ▶ Na televisão, o artista que se confessa engajado num programa acaba vendendo ilusões nas propagandas do intervalo, vampirizando aposentados e pensionistas, prometendo empréstimos a juros baixíssimos; “os menores do mercado”.

Dessa maneira, ao trocar o pensar pelo sentir, os indivíduos passam a compor um mosaico, construído com pedrinhas das ideologias vinculadas nos sistemas de *mass media*. Renunciando à construção de si, funcionam como cópias de máscaras, vendo-se apenas montagens, não realidades. Com isso, assumem como seus, os desejos que são criados pela propaganda: *compre isto para ser assim; seja interessante sendo assim* ou – mais sinceramente – você é aquilo que você pode pagar; você não se adapta ao modelo, não serve etc.



No entanto, as pessoas acabam sofrendo por não terem as falsas maravilhas que veem nos meios de comunicação ou por serem diferentes do modelo de homem ou mulher anunciado pela propaganda. E isso também inclui de modo decisivo a criança, fazendo com que a sensação de sofrimento e frustração comece na infância, com os brinquedos caros que não se podem comprar, terminando na velhice esquecida, pois é da juventude que a televisão gosta e ensina os telespectadores a gostar.

Quase todas as mercadorias que estão à venda – música, dança, imagens, cheiros, sabores, roupas – trazem consigo a ideia de um estilo, que deve ser comprado ou – se isso não for possível – imitado.

Com a indústria cultural, além das artes, a religião e o esporte também viraram produtos. As pessoas deixam de praticar a religião e o esporte para assisti-lhes pela televisão. Para encontrar o sagrado, não é mais necessário estar junto com os demais fiéis e fazer orações com eles, basta ligar a televisão ou o rádio no horário marcado e será possível ter o sagrado em domicílio. Com o esporte, é mais fácil comer pipoca à frente da TV do que ir ao estádio ou jogar aquela “pelada” com os amigos. Como se vê, todas as emoções estão à venda, mas duram pouco para que voltemos a comprar outras.

### **Pesquisar e refletir – Análise dos meios de comunicação de massa**

Para esta aula, peça aos alunos que, em casa, colem no Caderno algum panfleto publicitário ou recortem uma propaganda de algum jornal ou revista. Insista para que eles considerem as discussões sobre indústria cultural desenvolvidas até aqui, e comente que esse deve ser o critério para orientar a escolha.

Na aula, apresente o questionário a seguir, pedindo aos alunos que escrevam o que se pede ao lado da propaganda trazida de casa.

- a) Qual o tipo de produto oferecido?
- b) Escreva qual a mercadoria cultural oferecida, por exemplo: um cantor, um ator, um CD, uma rádio, um filme, um alimento, um apartamento, um automóvel.
- c) Qual o estilo de vida está vinculado ao produto oferecido à venda?
- d) Como todos os estilos de vida são rotulados, selecione um rótulo (*hip hop*, *fashion*, esportivo, executivo, clássico etc.) para identificar o público alvo da propaganda.
- e) Qual a promessa de realização pessoal, felicidade, liberdade ou poder vinculada ao produto?
- f) Que imagem de pessoas está associada a essa ideia?
- g) O que se promete com a compra? Ao comprador, a sensação será realmente igual ao que se mostra na propaganda? Por quê?

Agora, é hora de avaliar se aquilo que foi prometido acontecerá realmente. Por exemplo, o ato de comprar uma margarina fará a família feliz, a ponto de esquecer seus problemas?

### **Avaliação da Situação de Aprendizagem**

Nesta Situação de Aprendizagem, o trabalho dos alunos pode ser avaliado por meio da participação nos debates, pelas pesquisas

biográficas solicitadas e pela análise dos meios de comunicação de massa, por meio da propaganda, como foi feito na última aula.

### Propostas de Questões para Avaliação

1. Escreva sobre a relação entre impulso e repressão do impulso em Freud.

*Espera-se que o aluno desenvolva uma atitude reflexiva sobre os impulsos, sua naturalidade, assim como a importância de reprimi-los de maneira equilibrada, transformando violência em cultura, como arte ou esporte. Além disso, espera-se que o aluno seja capaz de construir argumentos consistentes sobre os malefícios da liberação total do impulso e aqueles causados pela sua repressão em excesso.*

Competências e habilidades: *O aluno que apresentar conhecimentos a respeito da relação impulso e repressão poderá desenvolver competências que o tornarão capaz de discernir eticamente por meio de uma reflexão sobre si mesmo. Além disso, deverá demonstrar capacidade para o exercício da linguagem escrita e dialógica, para a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos e para a organização e interpretação de conhecimentos registrados em diferentes formas para enfrentar situações-problema.*

2. Qual a relação entre a indústria cultural e o indivíduo?

*Espera-se que o aluno entenda como definir indústria cultural e suas relações com o fenômeno da massificação e de produção da pseudoindividualidade.*

Competências e habilidades: *Uma compreensão crítica em relação ao sistema capitalista que envolve a cultura e o consumo destes produtos permitirá ao aluno desenvolver competências que dizem respeito à compreensão existencial de si mesmo.*

3. Segundo Freud, quais são as estruturas da psique humana?

- a) *Id*, inconsciente e desejos.
- b) Alma, unidade imortal dos seres.
- c) Culpa e pecado, responsáveis pela consciência.
- d) *Ego*, personalidade e consciência.
- e) *Superego*, autoridade social inculcada em nós.

Competências e habilidades: *Os conhecimentos das estruturas da psique permitem ao aluno desenvolver competências sobre a flexibilidade de si mesmo, levando-o a perceber-se como um ser complexo e permeado de experiências sociais.*

4. Assinale exemplos de mercadorias culturais.

- a) CD de música.
- b) Folia de Reis.
- c) *Megashow* de rock.
- d) Artesanato vinculado a comunidades indígenas.
- e) Grupos de amigos.

Competências e habilidades: *Espera-se que o aluno mostre competência para discernir, entre experiências culturais, as que são massificadas daquelas que não se inserem na indústria cultural.*

## Propostas de Situações de Recuperação

Esta Situação de Aprendizagem almejou levar os alunos ao exercício da reflexão crítica, visando a capacitá-los para vivenciar a ação ética com base em uma crítica das relações sociais e dos impulsos dos desejos.

No entanto, é comum haver alunos que, por motivos variados, não alcançaram a compreensão adequada dos conteúdos trabalhados.

### Proposta 1

Propomos que respondam a três exercícios, dentre os cinco apresentados abaixo:

1. Os homens são seres que sentem desejos. Escreva seu entendimento sobre essa afirmação.
2. Por que os desejos podem resultar em prazeres ou frustrações?
3. Qual a definição de indivíduo segundo Stirner?
4. O que você entendeu por psique, em Freud?
5. Defina com suas palavras a cultura de massa.

### Proposta 2

Uma segunda possibilidade de avaliação poderá ser desenvolvida com base na identificação da proposta de individualidade, apresentada pela propaganda inserida em qualquer revista ou jornal, a partir do texto de Adorno e Horkheimer.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

### Livros

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 144-5. Neste livro, você encontra o texto clássico sobre a indústria cultural.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

STIRNER, Max. *O único e a sua propriedade*. Lisboa: Antígona, 2004. O principal texto sobre o tema do egoísmo está neste livro.

SOUZA, José Crisóstomo de. *A questão da individualidade*. A crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx. Campinas: Unicamp, 1993.

### Site

Scielo. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 jan. 2009. Sobre o trabalho de Freud, há vários artigos científicos gratuitos disponíveis no site.

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 ALIENAÇÃO MORAL

Por meio desta Situação de Aprendizagem, almeja-se dialogar com os alunos a respeito da preocupação com as outras pessoas. O importante é levá-los a pensar nos outros como peça necessária para a autoconstituição.

Na primeira aula, faz-se um convite para a construção de uma imagem do indivíduo ético. Na segunda e na terceira, discutiremos, respectivamente, Lévinas e a alienação moral em Sartre. E na última os alunos deverão produzir um texto sobre ética.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdo e temas:** Lévinas; Sartre; alteridade; alienação moral; linguagem.

**Competências e habilidades:** almeja-se levar os alunos ao exercício da reflexão crítica; capacitação para combater a alienação moral e reconhecimento do outro.

**Estratégias:** aulas expositivas e exercícios de reflexão.

**Recursos:** lousa e textos.

**Avaliação:** como toda a tarefa é realizada em sala de aula, a observação e as anotações a respeito da participação oral são fundamentais. A correção dos exercícios e a organização do Caderno do Aluno são essenciais para a avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

### Sondagem e sensibilização – Ouvir

Nesta aula, você pode propor aos alunos a construção da imagem de uma pessoa ética, a partir da questão *como agem as pessoas, de modo geral, e como elas deveriam agir?*

Divida a turma em grupos e atribua-lhes (por indicação ou sorteio) os seguintes temas:

- ▶ Em família.
- ▶ Com os amigos.
- ▶ Em relação à cultura.
- ▶ Com o trabalho.
- ▶ Com as outras pessoas.

Está claro que os alunos deverão completar a pergunta, por exemplo: *Como agem as*

*pessoas, de modo geral, e como elas deveriam agir em família?*; “... *com os amigos?*” etc.

Em seguida, peça a eles que criem dois perfis e os escrevam no Caderno, um é uma visão do comportamento comum, o outro é sobre o comportamento ético esperado. Procure não permitir que eles incorram na idealidade, mas realizem uma reflexão ética onde se considere a contingência histórica.

Proponha o debate sobre cada um dos temas e, ao final, recolha os textos elaborados, para sua correção. Por razões óbvias, evite questões como violência doméstica, sexualidade, drogas, alcoolismo e semelhantes – sempre que forem usadas como revelações de caráter pessoal –, pois, embora elas possam estar pre-

sententes no cotidiano dos alunos, sua menção ou discussão poderá criar situações de constrangimento, que devem ser evitadas.

### Questões de apoio

- ▶ Por exemplo, com os amigos: um ajuda o outro? Quem julga quem? Quais os limites de cada um? Quando se sabe que temos um amigo de verdade? Quando um pode puxar o outro para uma situação perigosa? Quando um quer ajudar o outro? A confiança é algo que se conquista? Existe possibilidade de perdão? Quem é perfeito? Como se lida com a questão do afeto? Que segredos devemos guardar? Como lidar com a inveja?
- ▶ Em relação à cultura: ler para quê? Que música é importante ouvir? Que conhecimentos podem fazer alguém feliz? Qual a importância de reflexões críticas? Como andam os estudos? Que tal ser artista, esportista, ou ambas as coisas? Há maneiras significativas de traduzir os sentimentos? Como conquistar a liberdade plena? Qual a relação entre ser e saber? O que na TV ajuda a refletir e o que já está pronto e não exige imaginação?
- ▶ Com o trabalho: ser honesto, para quê? Qual a ambição profissional? Viver para trabalhar ou trabalhar para viver? Como descansar? Como tratar os colegas de trabalho? Como lidar com um emprego ruim? E o cuidado com a saúde? Como encontrar um trabalho melhor? Como sei que o salário é bom? O que fazer em relação à competitividade e à fofoca? Estudar ou trabalhar? Como arrumar tempo para si?
- ▶ Em relação às outras pessoas: como uma pessoa educada conversa com os outros? Em relação às pessoas mais pobres, o que fazer? Como lidar com quem é diferente?

Como eliminar os preconceitos? Como acolher as pessoas? É importante ajudar gratuitamente? Como vencer a crueldade?

### Dialogar – Viver para o outro

Para iniciar esta aula, tenha à mão uma biografia sucinta de Emmanuel Lévinas.

Em geral, quando nos vemos como indivíduos, temos uma certeza: somos nós e o mundo. O “eu” percebe o mundo e os entes do mundo como coisas. Dividimos o mundo em **entes** importantes para nós e entes que não nos são importantes; entes que amamos e entes que não amamos; entes que fazem parte da nossa vida e entes que ignoramos por completo.

Dessa maneira, categorizamos o mundo e damos sentidos a tudo. Por exemplo, no livro *A menina que roubava livros*, de Marcus Zusak, a personagem principal guarda alguns livros, mesmo sem saber ler, pois eles significam a presença do irmão e da mãe, isto é, o sentido dos livros não foi atribuído pelo texto, mas pela analogia que a menina fez entre esses objetos e pessoas que amava.

### A linguagem como acesso ao outro

A linguagem nos precede, nós recebemos o que somos não por nós mesmos, mas a partir do onde fomos criados. Somos fruto do mundo que nos cerca. Somos parte dele, quer queiramos ou não, justamente porque até a maneira de vermos o mundo está constituída pelas formas de linguagem que aprendemos de outras pessoas, como os nossos pais e professores.

A troca de sentidos é o que nos faz humanos. Ao reconhecer que outras pessoas são capazes de dar sentido, elas deixam de ser apenas coisas e tornam-se o outro, parte do nosso “eu”, assim como nós nos tornamos

parte deles. No entanto, o outro é para nós um profundo e infinito mistério, e cada pessoa do mundo pode nos levar a lugares jamais pensados.

Por isso, é preciso viver para o outro, pois assim o desenvolvimento do nosso “eu” será cada vez maior. Viver para o outro é a melhor maneira de viver para si, pois os outros são a maior parte de nós mesmos. Os outros são as pessoas de quem gostamos ou de quem não gostamos. Estranhos ou conhecidos. Podemos compreender e sermos compreendidos por todos. Nossa atitude ética, então, é viver para o outro, e cada vez que nos aproximamos dos outros nós nos completamos, nos instituímos. Os outros nos dão mais expressividade, mais linguagem. Portanto, devemos viver por quem nos dá mais, que é a maneira de vivermos por nós mesmos, ou seja, viver para o outro.

### Escrever

Nesta aula, peça aos alunos que produzam um pequeno texto a respeito do que esperam de uma das seguintes pessoas:

- ▶ de um estranho que anda na rua;
- ▶ de uma pessoa da sua família;
- ▶ de alguém que você magoou;
- ▶ de alguém que magoou você;
- ▶ de alguém de quem você não gosta;
- ▶ de alguém que você ama.

Depois que terminarem, peça que invertam a proposição, escrevendo sobre o que a pessoa escolhida espera deles.

Aceite voluntários ou indique alguns alunos para ler na sala os textos preparados, reforçando a importância de se reconhecer como cidadão ético.

## Dialogar – Alienação moral e o ser-para-outros em Sartre

A exemplo de outras Situações de Aprendizagem, peça aos alunos que tragam de casa uma pequena biografia de Jean-Paul Sartre.

Comece a aula lembrando que muitas pessoas sonham ou têm pesadelos onde aparecem sem roupa na rua, à frente de estranhos. Ficam aflitas e envergonhadas e só sentem alívio ao despertarem e perceberem que tudo não passou de um sonho. A partir disso, podemos pensar, filosoficamente, por que sentimos vergonha? Por que um bebê não sente vergonha de estar sem roupa?

Para Sartre, a vergonha vem do fato de que nós somos o que os outros nos revelam. Assim, no caso da vergonha, somos instituídos pela presença julgadora dos outros. Nós reconhecemos nossa existência a partir do significado que o outro nos atribui. Se me sinto envergonhado e acho que o que está acontecendo comigo é algo feio, é o outro que me revela nesse significado. Do mesmo modo, ao estar apaixonado, egoisticamente precisando ser amado, o outro me revela nessa necessidade.

Diferentemente do amor, que quer aprisionar o outro ao nosso lado, o ódio também revela quem somos. O ódio revela minha maldade, meu ser cruel, que despreza a liberdade do outro. Por isso, mesmo quem ri de nós nos institui. Enfim, cada um de nós experimenta a própria existência sob o olhar alheio.

Isso faz com que nossa relação com os outros seja tão íntima que precisamos assumir uma vida ética. Por mais que eu me considere de determinada maneira, sempre haverá quem nos mostra de modo diferente. Podemos

até disfarçar, mas o ato de disfarçar já é colocar-se no mundo com base no outro. Por isso, Sartre chegou a dizer que o inferno são os outros. Não há como escapar disso: é preciso ser ético.

### Alienação moral

Alienação moral é preocupar-se de maneira distorcida com o outro. Não é ignorá-lo, visto que é impossível, pois ele nos mostra em si como somos, mas traduzi-lo de uma forma que não permita essa revelação. No processo de alienação moral, uma pessoa trata as demais sem reflexão que permita o questionamento sobre diferenças, semelhanças, justiça, igualdade; sem pensar a si mesmo.

Sobre isso, Sartre afirmou que não podemos viver com morais alienantes, fora da história. A ética deve ser entendida como ação no mundo, sob o contingenciamento da história – história e ética se confundem. A alienação moral procura fazer com que a ação do passado seja repetida no presente; o que é bom é a cópia do que foi bom, ignorando as transformações que a história de cada um e das sociedades imputa a todos. *Não podemos dizer, sem pensar, que o que era errado há 100 anos continuará sendo errado, que não deve haver mudanças.*

Tanto quanto o organismo precisa de alimento, água e ar, nós, seres humanos, precisamos de ética. Sua falta pode significar a morte ou uma falsa vida, falsa individualidade e pseudoexistência. Sem ética, sem pensar no outro como revelador de nós mesmos, nós não passamos de pássaros que não têm asas. Sem agir em benefício dos outros, ainda que pensemos, teríamos as asas, mas mesmo assim não voaríamos.

Cabe, portanto, no presente, a preocupação de como devemos agir em relação ao outro. As mudanças de nosso tempo exigem uma reflexão a respeito de nossa convivência ética, com os

desafios do mundo atual, para a construção da solidariedade entre os seres humanos.

Cabe a cada um de nós assumirmos a reflexão pura e sermos autênticos na perspectiva da solidariedade. Devemos nos reconciliar conosco e assumir a ação ética no mundo, mesmo que não tenhamos apoio: as atitudes antiéticas dos outros nos revelarão éticos.

Portanto, sermos éticos é assumirmos a responsabilidade com o outro, com aquele que não somos. Com base nisso, teremos a autenticidade da nossa própria vida e não a vileza de uma vida baseada em sistemas não-históricos. Afinal, é o outro que nos revela o que somos.

### Escrever

Nesta aula, peça aos alunos que escrevam um texto refletindo sobre a seguinte questão: *Por que eu devo ser ético?* A discussão inserida nesse texto deve levar em consideração os conteúdos das aulas dadas neste bimestre, discutidos exaustivamente em todas as Situações de Aprendizagem.

### Avaliação da Situação de Aprendizagem

Esta avaliação poderá levar em conta o último texto produzido pelos alunos. Será fundamental que eles consigam fazer uma síntese dos conteúdos sobre ética e alteridade, relacionando-os com as próprias ideias.

### Propostas de Questões para Avaliação

#### 1. Qual é o sentido da linguagem para Lévinas?

*Espera-se que os alunos apresentem a ideia da constituição de si, com base na significação do mundo e sua relação com o outro.*

Competências e habilidades: *Um bom desempenho nesta questão demonstrará*

*competência para o desenvolvimento da alteridade, a partir do comportamento ético e solidário. Além disso, exigem-se o exercício da linguagem escrita e dialógica, a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos e a organização e interpretação de conhecimentos diferentes para enfrentar problemas cotidianos, com base na construção de argumentos consistentes.*

**2. Segundo Sartre, por que os outros são fundamentais para nossa individualidade?**

*Será fundamental que, na resposta, o aluno considere a constituição histórica de si em relação ao outro; ser em si, em razão do olhar do outro – o que requer o domínio da forma culta da Língua Portuguesa e a capacidade de refletir filosoficamente.*

*Competências e habilidades: Ao responder a esta questão, baseado no pensamento de Sartre, o aluno deverá demonstrar competência para realizar uma reflexão ética inserida na história e baseada em conceitos fundamentais da filosofia existencialista.*

**3. Para Sartre, a ética deve ser baseada na ação histórica do presente, e não em valores metafísicos ou do passado. Assinale exemplos em que essa ideia aparece.**

a) As mulheres devem obedecer aos homens.

b) Nós temos de nos preocupar mais com nossas necessidades do que com as tradições.

c) Os homens não devem chorar.

d) Minha família nunca perdoou um erro grave; eu também não.

e) Não importa o que fizeram com o homem; importa o que ele fará com o que fizeram dele.

*Esta questão envolve a habilidade para compreender um raciocínio filosófico e deduzir uma ação ética, o que significa procurar o desenvolvimento ético e solidário, considerando a alteridade.*

**4. Segundo Sartre, como nós nos constituímos diante dos outros?**

a) Pela vergonha, o olhar dos outros nos apresenta existindo de maneira não adequada.

b) Pelo amor, o desejo de possuir o outro e o aprisionar fazendo com que nos ame, mostra-nos desejosos.

c) Pelo ódio à liberdade dos outros, ódio esse que nos mostra sombrios.

d) Os outros não nos revelam, nós os revelamos.

e) Pela liberdade natural que temos.

*Os alunos que notarem a relação íntima entre a consciência de sua existência em si em razão da existência dos outros demonstraram competência para refletir, ética e politicamente, o que requer a compreensão de fenômenos históricos, sociais, culturais e artísticos e a organização e interpretação de conhecimentos diferentes para enfrentar situações-problema.*



## Proposta de Situação de Recuperação

Esta Situação de Aprendizagem almejou dar aos alunos a possibilidade de praticar a reflexão crítica, visando a capacitá-los para combater a alienação moral e, ao mesmo tempo, valorizar o reconhecimento do outro.

Para os alunos que não conseguiram ter um bom desempenho de acordo com esses objetivos, recomendamos as seguintes atividades de recuperação:

Peça que, após revisarem todo o conteúdo de que dispõem no Caderno e textos que lhes foram entregues, produzam uma redação que responda, com os argumentos discutidos em aula, à seguinte questão: *quem sou eu, e por que este “eu” deve fazer o bem?* Como esta questão é bastante subjetiva, oriente os alunos, definindo a ideia de *bem*, que deve orientar a sua redação.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão do tema

### Livros

BUENO, Isaque José. *Liberdade e ética em Jean-Paul Sartre*. PUC-RS, 2007. Dissertação em Filosofia, sobre Sartre.

FARIAS, André Brayner de. *Para além da essência: racionalidade ética e subjetividade no pensamento de Emmanuel Lévinas*. Tese de doutorado PUC-RS, 2006). Tese de doutorado em Filosofia, sobre Lévinas.

### Site

*Domínio Público*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 06 jan. 2009. Neste *site*, podem ser encontrados diversos textos a respeito destes autores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este caderno apresentou Situações de Aprendizagem e referências teóricas para a reflexão sobre indivíduo, condutas massificadas e alienação moral, sem que se pretendesse esgotar a contribuição que a Filosofia traz a respeito destes assuntos.

Como foram abordados temas complexos da sociedade e da filosofia contemporâneas, o enriquecimento de cada professor, com suas experiências e estudos já realizados sobre tais questões, poderá favorecer a contextualização dos alunos a respeito da conflituosa relação entre indivíduo e sociedade.

O panorama apresentado sobre teorias do indivíduo tem a função de favorecer as sínteses dos professores em seus processos expositivos junto aos alunos, sem que se perca de vista um dos princípios metodológicos centrais da perspectiva curricular na qual este caderno se insere: a relevância de se considerar as representações dos alunos sobre os temas estudados para que produzam sentidos entre o saber escolar e suas experiências de saberes cotidianos. Sobretudo no que se refere aos conteúdos deste caderno, é fundamental que os jovens possam pensar a si mesmos na construção de uma ética capaz de privilegiar a postura solidária e superação da alienação moral tal como apresentada para reflexão neste bimestre.

 Anotações

Lined writing area with spiral binding on the left side.



 Anotações

Lined writing area with spiral binding on the left side.



 Anotações

Lined writing area with spiral binding on the left side.

